



0

ALABAMA



1869

A

1870



I.C.H.V.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 53

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

2 DE JULHO DE 1869.

N. 522.

O ALABAMA.



Dous de Julho de 1869, é o 48.º anniversario do dia em que uma phalange de bravos entrou triumphante pela capital de S. Salvador.

Nesse dia glorioso, deixou o Brasil de ser colonia portugueza e tornou-se nação americana.

Que tempos heroicos não foram aquelles!

E temos nós correspondido ao heroismo e sacrificio daquella geração?

Os males é o soffrer da patria que nos respondam.

Porem, na memoria do passado e na esperanza do futuro, achamos consolação.

E' impossivel que dure por muito tempo o dominio dos bastardos ingratos, que, esquecidos do dever, não zelam tão sagrado patrimonio.

Sim; a degeneração marcha a seu ultimo termo.

E nem pode deixar de assim ser.

Este continente, livre desde selvagem, seloha ainda mais á luz da civilisação.

Não ha estorvo, e nem pode haver turbacão contra a torrente que por natureza segue sempre uma sociedade nova, e, por assim dizer, ainda virgem, como virgens são nossas florestas. Si estas são de não calculadas esperanças para a industria. aquella, pelo mesmo modo, o é para a liberdade.

Que importa que os homens de hoje tentem contra as instituições, abatam direitos, perturbem o seu exercicio, disperdicem as rendas publicas, levantem o incendio da guerra, e produzam outros muitos males?!

O gigante adornece... mas, quando acorda, levanta-se sem sentir a falta de sangue que lhe tiraram os insectos, e caminha... e caminha sempre por sua viagem de seculos.

Apenas quem escrever a historia lançará em algumas paginas tristes traços do que se passar agora.

A' luz do dia Dous de Julho. tu, memoria dos venerandos vultos da independencia, e tu, esperanza das gerações futuras, vinde alentiar aos abatidos fideis, que muitas vezes, no desespero do presente, julgam tudo perdido, sem descobrir recurso de salvação.

Salve, Dia Dous de Julho! que nos trazes estas recordações e estas esperanças como força para afrontarmos as intemperies deste tempo de calamidades!

EXPEDIENTE.

Cidade de Iatronopolis, bordo do Alabama
1.º de julho de 1869.

Partaria ao aspirante pedestre João de Deus,

ordenando-lhe que se dirija á ladeira do Ba-luarte n. 54 e traga recambiada para bordo uma creoula que ha ali, assim do que por algum tempo tenham descanço as pelles de dous pobres crioulinhos, nos quaes entende ella que deve nutrir seu diabolico genio de dar pancada. Cumpra.

—Capitão, dizem que ha grande falta de dinheiro nos cofres publicos..

—E' de suppor..

—Quem vae trocar ou receber qualquer quantia, toma um valle que de nada serve.

—Mas então que diabo é isto?

O governo não tem dinheiro e faz desperdícios!

—Como?

—Manda quartellar a guarda nacional em pezo, fazendo uma despeza sem necessidade!

—Eu creio que é só em quanto passa o Dous de Julho.

—Receios da sonhada revolução; sem duvida.

—Julgo que sim.

—Si é por isso, pode elle batter á outra porta, porque as bichas não pegam.

—Santa Virgem; que crime execrando!

—Aconteceu alguma desgraça?

—Que horror, capitão!

Vê aquelle rapaz escoltado pela policia?

—Um guarda do 4.º batalhão.

—E' um monstro da especie humana.

—O rosto não o denuncia; parece uma criança.

Commetteu elle algum assassinato?

—Cousa mais estúpida.

—O que podia ser então?

—Cohabitava no proprio leite da mãe; ia para a Estrada das Boiadas.

—E como se soube disso?

—Denuncia á policia; esta poz-se alerta e, na segunda feira demadrugada, colheu-o mesmo em estado incestuoso.

—Cousas que me custam a encasquetar!

A policia que não dá cavaco do que vae alto dia, pelas ruas, tomando conhecimento do que se passa de portas a dentro; e que não é da sua conta!

—E' um peccado abominavel, capitão, deve ser punido.

—Rapaz, isso é negocio de consciencia, pertence ao espirital; a policia so pune crimes.

Esente.

Eu não duvido nada que o rapaz tivesse tão hedionda baldia; a natureza humana é congenita do mal. Porém quem nos diz que isso

não foi algum *arranjo* que lhe quizeram fazer?

Ao monos, como V. conta parece. Esse interesse da policia em expedir agentes seus para ir espreital-o, a facilidade com que estes poderam penetrar, de noite, em casa, para irem pegal-o a mão, o facto de haver testemunha de vista, tudo isso parece uma pillheria.

—Eu não sei, capitão, o caso é que ha quem jure que viu.

—Por isso não, tambem houve quem jurasse o seguinte caso:

«O padre Fernandes da Costa, prior que foi de Trancoso, de idade de 62 annos, foi sentenciado a ser degradado de suas ordens e arrastado pelas ruas publicas aos rabos de quatro cavalos; esquartejado seu corpo e posto aos quartos, cabeça e mãos em differentes districtos, pelo crime de que foi arguidoé que elle mesmo não contrariou; sendo accusado d, ter cohabitado com 29 afilhadas, tendo dellas 97 filhas e 37 filhos; de 5 irmans teve 18 filhos e filhas; de 9 comadres 58 filhas e 18 filhos; de 7 amas teve 29 filhas e 13 filhos; de 6 cunhadas teve 5 filhas e 2 filhos; de 2 escravas teve 21 filhas e 7 filhos; de uma tia chamada Anna da Cunha teve 3 filhos; e da propria mãe 3 filhas. Total 299 filhos sendo do sexo feminino 214, e do masculino 85, concebidos de 55 mulheres!!!

—Capitão, fui assistir, como me incumbiu, a festa anniversaria da inauguração do Asylo dos-expostos, no Campo da Pólvora.

—Então vá me dizendo.

—Satisfez-me o aceio e boa ordem.

Houve chrisma para 26 orphans, depois da missa: O Sr. arcebispo foi quem administrou o Sacramento.

—Apreciou a exposição?

—Estava primorosa e prova adiantamento.

O Sr. Figueiredo Leite, provedor da Santa Casa, é incansavel pelo engrandecimento daquelle estabelecimento.

—Assim não fosse elle tão apologista das irmans de charidade.

—Gostou do bando?

—Não lhe achei a menor graça.

—Está comigo.

—D'onde vem tão esbaforido, meu rapaz?

—Da Lapinha.

—Bispou alguma cousa?

—A policia acampada lá.

Extraordinario apparatus, o chefe commanda o acampamento; a sociedade Rossini, que ensaiava perto d'ali para tocar no dia 2, foi mandada dispersar.

—Porque será tanta cousa?

—Receios de que o povo vá buscar os carros para fazer a noite do 1.º de julho.

—E esta gente a dar-lhe!

—Querem por força um pé de cantiga.

—Poem a cidade debaixo do armas, desembarcam as forças de mar que ficam para a á primeira voz, do arsenal de marinha, distribuem munição pelos batallhões de *confiança*, e mandam cercar de tropa o depósito dos carros triumphaes.

—E todo esse apparatus para um dia em que cessam as dissensões politicas, e os bahianos só se lembram de festejar os feitos heroicos de seus antepassados.

—O que vale é que, façam o que fizerem, não acham motivo.

—Na muito não vejo tanto foguete como este anno, nas noites de S. João e S. Pedro.

—E as consequencias foram bem funestas.

Um moço academico, estudante do 4.º anno de pharmacia, de nome J. Emigdio Peixoto, foi victima de tão pernicioso brinquedo.

—Queimou-se?

—Morreu.

Uma espada (foguete) estourou-lhe na barbiga e roubou-lhe a existencia.

—Causa pena!

—Tambem uma moça, que passava pela rua do Sodré, ficou queimada em lastimavel estado; as faiscas de um *budejo* atearam-se-lhe aos vestidos e for polvora.

E si não é um taberneiro que arrancou-lhe os restos da roupa, morreria na rua.

A offendida foi carregada em braços e está de cama.

—Para que mandã então a policia encher columnas de gazetas com editaes, si não são executados?

Parecem uma fanfarronada!

—E quer V. que seja d'outra sorte, quando os que devem cumpril-os são os proprios a transgredil-os, ou por si ou por condescencias?

Sabe o que fizeram com o subdelegado do Pilar?

—Não.

—Tomaram-lhe o chapéu e atiraram dentro de uma fogueira que havia defronte do hotel March, na Calçada.

—Que graça pesada!

—E assim como isto muitas cousas que por ahí se deram.

—Esta policia si não é judia, tem raça.

Ilude o publico dizendo que tem expedido terminantes ordens prohibindo os perniciosos brinquedos de entrudo e S. João e quando vê a gente exposta ao perigo, ri-se a escangallar!

—Pateta é quem lhe dá credito ás palavras.

—Appareceu a *Opinião Publica*, gazeta conservadora.

Sahin dos presos do Sr. França Guerra.

—Adianta alguma cousa?

—Nada pela palavra.

Apenas uma defeza ao inspector do arsenal de marinha, cuja honestidade ninguem se lembrou de contestar.

—Sobre o que versa?

—A respeito da demissão do machinista brasileiro do vapor *Moema* e entrada de um estrangeiro para tal logar, o qual, ao tempo que era machinista do vapor, percebia 4.500 rs. pela officina de machinas no arsenal.

—Nega isso, então?

—Confirma.

Diz que o homem era apontado porque o contracto dependia de approvação do governo.

—E' uma accusação formal que faz ao empregado fiscal, encarregado do pagamento, o qual tem obrigação de ver a quem paga.

—O inculcado defensor esqueceu-se do essencial, que era a ameaça que fez o estrangeiro de propor uma acção para lhe darem 7:000 \$000 de prejuizo e a recusa de pagar os 3 por cento ao estado, e limitou a defeza em dizer que o maquinista brasileiro era inapto.

—Na defezas que prejudicam mais do que a accusação.

O Sr. inspector estou que dispensaria de bom grado tal defeza, si a visse em tempo.

—Mesmo que ninguem duvida da sua probidade.

A PEDIDO

—Capitão, ja se pode ir ao Bomfim.

A empresa dos Vehiculos, compenetrada da tarefa de que se incumbiu, não poupa esforços e despezas no interesse de bem servir ao publico.

—Nisso é que está a base de sua prosperidade.

—Hoje, quem dá um passeio áquelle aprazivel sitio, é transportado commodamente; ja não está exposto aos desagradaveis e prejudiciaes tombos das antigas gondolas.

—Na verdade era um martyrio.

—E depois, o preço convida a concorrência.

—E quanto mais modico poder ser elle, melhor será.

Estou certo de que, si a companhia pudesse reduzir o preço das viagens em relação aos dos vapores da Companhia Bahiana, teria notavel preferencia.

—Meu charo, venho narrar-lhe um grande abuso á moralidade publical

—Siga o carro!

—Existe uma viuva de um tenente, moradora na rua de Sant...

qual entretém relações d'amizade com um tenente de policia.

— m que está ahí o abuso á moralidade publica?

— Quer me ouvir?

— Pois não.

— Este tenente mora na rua que faz poeira e é casado.

— Como chama-se?

— J. J.

— Ora peçogos, está V. com iniciaes.

— Ouça:

A viuva conversa todas as noites com o tenente na janella do Ignacio Capio, presenteam-se, e ja até os visinhos me garantem certa cousa, que eu não posso dizer.

— Mas V. não disse que elle é casado?

— E'; mas diz á mulher que está de estado e vac.....

— Oh! oh! oh! Que cynico!

— Quando está no quartel. ella enfeita-se e elle senta-se no portão para de la revel-a.

Elle diz a isto que, não embargo dever para comprar fiado, embora seja casado tem um coração amante.

— Para sua esposa!

— E tambem para ella, com quem elle promette casar-se!

— Que diabo de angü é este? V. não diz que elle é casado, homem de Deus!

— Sim.

— E como promette casar-se com á viuva.

— Provavelmente, por morte da mulher.

— Que horror! Já conta que a mulher morra primeiro do que elle,

Pergunta-se a *Tibeiro Berges de Figo enredo*, quanto receba em moeda sonante do inspector do trafego da estrada de pau para vir de *Alagoas pequena* depor com verdade na questão do tonel esmigalhão na ponte da *Jeticia*.

Foi somente pela passagem na 4.^a ordem ou para adquirir direito a reaver aquellas 40 arrobas de charque deterioradas?

O tenente de cesto.

— Capitão, faz-me um favor?

— Qual é elle?

— Mandar intimar certas beatas da rua das Lorangeiras que não encommodem a vizinhança com os seus interminaveis e descompassados garganteados até 3 horas da madrugada.

— Amigo, cada um em sua casa tem liberdade para fazer o que lhe vier á cabeça.

— Sem prejuizo dos mais.

Pois essas tartarugas, rezando baixo, não servem a Deus da mesma maneira?

— Mas si nisso é que está o choro?

— Não é o cantarolar que agrada a Deus e sim a pureza do coração, o pensamento elevado até elle.

Do que serve o rumor das vozes, quando o coração se distrahe em cousas mundanas?

— Ao menos não estão praticando malversações em quanto estão em tal pratica.

— E' o que pensa V. Ex.

Quantas thesouradas não levará a pelle do proximo de entremeio com os bemitos?

E depois, toda noite, sem dar tregoa ao somno dos visinhos?

— V. como encommodado dirija-se a ellas e veja se consegue tornarem-se mais moderadas em sua ardente devoção.

ANNUNCIOS

PROCLAMAÇÃO.

Brasileiros! organisa-se um regimento patriotico, intitulado—DUQUE DE CAXIAS, afim de acompanhar os carros triumphaes á Lapinha, emblemas da nossa Independencia. e para cujo fim são convidados todos aquelles brasileiros que reconhecem os feitos heroicos do bravo do nosso exercito, o Exm. Sr. duque de Caxias, que tão denodadamente distinguuiu-se no Paraguay!!

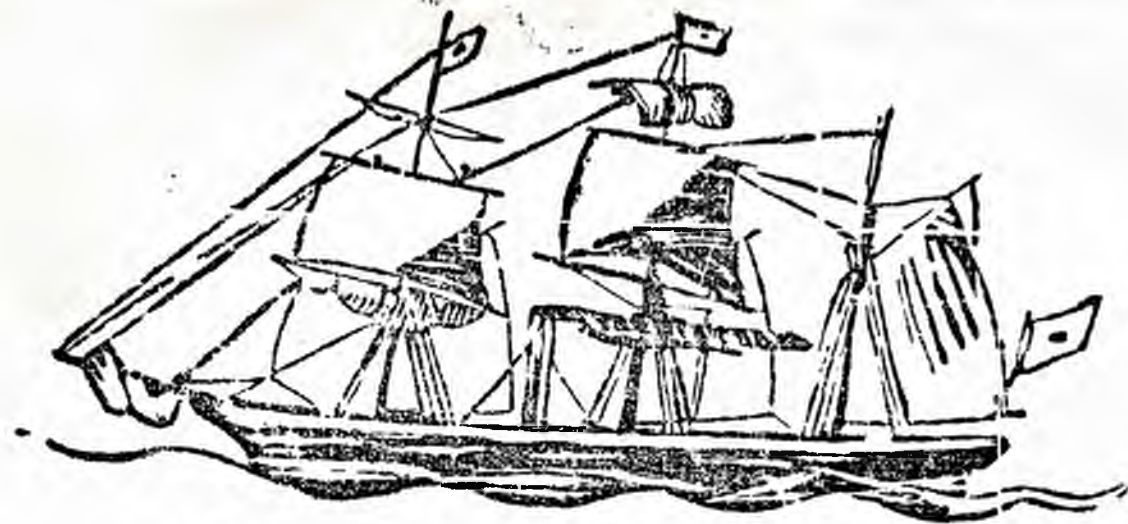
Este regimento irá uniformisado de branco e formar-se ha, ás 2 horas da tarde do dia 5. na Praça Dous de Julho, onde tomará uma fita. distinctivo do mesmo. Bahia 1.^o de julho de 1869 —Dr. *Francisco d'Azevedo Monteiro*, commandante.

CORPORAÇÃO LYCEISTA

São convidados os Srs. Lyceistas e alumnos dos diversos collegios estabelecidos nesta capital, que quizerem se aggregar áquella corporação, que se dignem comparecer no dia 5 do corrente, ás 2 horas da tarde, no largo da Palma; afim de encorporados seguirem até á Praça de Palacio para o acompanhamento dos carros triumphaes á Lapinha. —*Franklin Cezar da Silva Lima*, director.

CONVITE PATRIOTICO.

Brasileiros! organisa-se um Batalhão patriotico intitulado IMPERADOR, afim de marchar á Lapinha acompanhando os carros Triumphantes—emblemas da nossa immorttal Independencial—por tanto convida-se e espera-se as vossas presenças (especialmente as dos patrioticos parochianos da freguezia do Santa Anna) para comparecerem ao largo da Saude, ás 2 horas da tarde do dia 5 de julho, onde se formará uma companhia que unir-se-ha á aquelle patriotico batalhão. —*Eduardo Pereira Mandacari*, commandante.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 53

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

7 DE JULHO DE 1869.

N. 523.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
6 de julho de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. inspector da saude publica, reclamando contra o estabelecimento de uma fabrica de vellas de carnaúba, no becco dos Calafates, pelo grave inconveniente que traz á saude publica.

—Ao Illm. Sr. inspector da illuminação publica, participando-lhe que, depois dos *batoques* que andaram pespegando no boeiro do gazometro, augmentou a rachadura do mesmo mais oito palmos, como poderá S. S. verificar, si entender.

Nada adiantaram os remendos com que procuraram atamancar as enormes fendas do referido boeiro, por que, sendo feita a obra com cimento, logo que recebeu o calor do fogo estalou, e prolongou-se a brecha.

As tranquetas de ferro passadas em redor do mesmo, nenhuma segurança affiançam, e embora alguns profissionaes acreditem que o desabamento pode retardar-se, não é bom fiar, visto que ello pode vir a ser mais prematuro do que se espera.

Em vista do que, espera-se que S. S., procurando evitar mais uma calamidade, empregue os meios a seu alcance para que a companhia seja obrigada a fazer uma obra completa e segura a qual ponha fora de perigo a vida de tanta gente.

Portaria á irmandade do Rozario dos Quinze Mysterios, perguntando-lhe si tenciona fazer do corpo da igreja deposito de lixo.

Si essa irmandade não tem dinheiro para mandar limpar a immensa ciscalhada e montes de caliça que entupem a igreja, deve recorrer á charidade dos fieis, com tanto que a casa de Deus não continue em tão immundo estado de porcaria e indecencia. Compra.

—Sabe onde é o cemiterio dos bois?

—Ignoro.

—Então saiba que é na ladeira que do Rio das Tripas vae para o Barbalho.

— Isso é seu, moço.

Até hoje ainda não ouvi dizer que ali se enterrasse boi.

—E é isso o peor, porque, si se enterrasse, os pacientes moradores não estariam expostos a aturar a horriavel fedentina que exhala tanto osso, tanta caveira em putrefação.

—Ha logar proprio.

—Porem as pretas fateiras não attendem a razões; assentaram, por conveniencia propria, de fazerem dali deposito de ossos e porcarias.

—Incuria dos fiscaes.

—Entretanto, quem mora la, paga os mesmos impostos que quem mora dentro da cidade sem ter as mesmas vantagens!

—Capitão, entre os successos lastimaveis da noite de S. João, quero contar-lhe mais um.

—Diga.

—Ja para a Calçada um moço com sua irman. Levava nos bolsos diversas sortes de foguetes. No Pilar, soltaram um buscapé, cujas faiseas, por admiravel coincidência, entraram-lhe nos bolsos.

—Que aperto!

—O fogo incendiou-se e o homem ficou horrivelmente queimado.

—E a policia o que fazia, que não prendeu o delinquente?

—Tinha publicado o seu edital e descansava.

—Capitão, acabo de ser logrado.

—Por quem, meu amigo?

—Por um espartalhão.

Compreenda V. Ex. que me achava em uma reunião; um dos circumstantes queixou-se de lhe ter desaparecido o chapéu. Corro á nossa casa, que é perto, e trago-lhe um em bem estado, supposto que usado.

O sujeito, momentos depois, chega-se a mim e diz-me que tendo de ir á rua visinha á casa de uma familia, eu lhe desse o meu chapéu por ser melhor, em quanto voltava.

Caio na esparrella e adeus chapéu; o sujeito perdeu o caminho para voltar.

—Eis aqui uma escamotagem superior a quanta faz o Mr. Lejounard no theatro.

—Um trabalho *límpo*.

—Provavelmente o sujeito é desconhecido.

—Eu o conheço, mais quero esperar tres dias, antes de me ir queixar á policia.

—Pois va esperando.

—Não ha maior flagello do que ir actualmente á repartição do sello!

—E' um desespero!

—Quanto prejuizo, quanto atrazo, quanto inconveniente!

—E' o diabo!

Entra-se allí as vezes as 10 horas e sahe-se as duas e tres da tarde.

—E o governo, de braços cruzados, vê com indifferença o clamor geral que se levanta; sem procurar attenuar o mal!

—Meu charo, o povo so é para pagar impostos, dar seus filhos para a guerra e fazer toda casta de sacrificio, quanto ao mais, seffra quem soffrer.

—E para cumulo de martyrio, o infeliz que cabe naquelle purgatorio tem de lutar de mais com a condescendencia dos empregados.

—V' onde ia eu bater..

—Eu, por exemplo, vou sellar uma letra que hei de impreterivelmente reformar hoje; peço, rogo, e não sou attendido; entretanto, entra um amigo ou alguém de posição com o

mesmo fim e é instantaneamente despachado.

—E o resultado é que V. que foi muito cedo, va para o ponto e protesto, ao passo que o *affeigado* que chegou muito tarde é aviado, e nada perde.

—Tal qual.

—A culpa é unica de quem governa, que sanaria tudo isso creando mais uma seccao, ou augmentando o numero dos empregados.

—Os quaes, de mais a mais, sendo de carta e osso, tem necessidade de vez em quando de largar o trabalho para comer doce, se espreguicarem, tomar fresco etc. etc.

—A policia atracou-se com o batalhão de Brotas.

—Dizem que houve sangue?

—Houve.

—Porque seria?

—Foi um tufal que fez um grilo em Cachoeira e enxotou-se para cá. Homisiou-se no convento de S. Francisco.

—Ainda uma vez o convento como refugio da ociosidade e da preguiçal

—...e assentou praça no 5.º batlhão, porque a guarda nacional, como sabe, é a salvaguarda dos reus de policia.

—Si houvesse responsabilidade para o commandante que admitisse nas fileiras de seu batalhão individuo que não estivesse devidamente qualificado, não se dariam destes factos.

—A policia andava em busca do marreco e filou-o na segunda feira.

Correu a noticia no quartel da Palma; e os valentes *pitús* deliberaram libertar o companheiro das unhas dos *morcegos*.

Foram para os fundos do quartel e quando os cujos passavam, cahiram sobre elles de unhas e dentes.

Houve bayonetada por cima do tempo. A policia sahiu toda do quartel e os proprios commandantes se acharam envolvidos na rasca.

—Que bonito quadro!

—Mas como ambos são batalhões, em quem o governo confia para manter a ordem, deixe que va..

—Em um discurso do senador Silveira Lobo, lê-se o seguinte sobre esbanjamentos dos dinheiros publicos:

«Asseveram informantes que merecem toda a fé que o vapor *Presidente*, o qual depois das batalhas de Itororó e Lomas Valentinas era empregado no transporte de feridos para os hospitaes de Humaitá, chegando a Assumpção no dia 20 de Janeiro tivera ordem do Sr. Barão da Passagem para receber quatro cavallos e quatro mullas do general em chefe, assim de conduzil-as a Montevideo, onde chegou no dia 28; que esses animaes foram passados para o

vapor *Guaporé*, que seguiu para o porto do Rio de Janeiro, onde chegou no dia 8 de fevereiro, entregando no arsenal de marinha os referidos animacs, que haviam custado a quantia correspondente ao frete do mesmo vapor, isto é, 14:000\$ mensalmente, além do despendio de perto de 200 toneladas de carvão, gasto na viagem. Informam tambem que o vapor *S. José* estava para mister flentico á ordem do general em chefe.

Sendo isto exacto, faltou-se ao zelo e caridade para com os soldados feridos, que receberiam grande beneficio sendo transportados aos hospitaes, muito principalmente quando o vapor *Presidente* não trouxe um só dos feridos, nem objecto *algum de carga*.

A asseveração das pessoas dignas de toda a fé, que acaba de referir so pode ser enfraquecida por documentos authenticos que apresentar o governo, como, por exemplo, roteiro dos commandantes desses dous vapores.»

—Capitão, aprecie este annuncio.

—Que gazeta é esta?

—É o *Jornal da Bahia*, do dia 2 de julho.

—Leia.

«—MOREIRA IRMÃO & C.

Vendem os seguintes artigos:

Brins da Russia de diversas mareas, para velas de navios.

Cauhamação n.º 6, 1.ª qualidade.

Cimento em barricas de 13 arrobas 1.ª qualidade.

Breu muito alvo em barricas.

Latas com tinta preta e branca.

Cerveja de diversas marcas em barricas.

Polvora ingleza em barris e latas.

Formas de ferro para purgar assucar.

Assignado.—*Luiz José Monteiro*, coronel commandante das armas.—*Conforme Calixto José Ferreira*, alferes ajudante de ordens interino.»

—Cá... cá... cá... cá!

—De que rir-se V. Exa?

Talvez seja alguma lei creada pelos conservadores, mandando que o commandante das armas assigne os annuncios commerciaes, com o competente *conforme* do seu ajudante de ordens!

—Ora flores!

À PEDIDO

—Viu a levada dos carros triumphaes?

—Que duvida!

—Quaes dos dous batalhões patrióticos V. achou em melhor ordem, o *Argollo* ou o *Caxias*?

—Homem, eu achei que o *Caxias* ia com mais ordem.

—Já sei que V. é conservador, falla apaixonado.

—Porque?

—Porque para mim o batalhão *Argollo* foi

mais luzido que o *Caxias*, e depois levou em sua frente a philarmonica Campesina.

—Sim, Sr.; mas o que é verdade, e fora de ideia politica, é que o batalhão *Caxias* marchou que não parecia um batalhão patriótico e sim um batalhão militar.

—Ora deixe-me, pelo amor de Deus! Um batalhão composto dos menores do arsenal de guerra; um batalhão ao que o commandante do 8.º da guarda nacional andou pedindo aos seus guardas, que tinham paletots brancos, que se encorporassem, não havia de marchar com todas as etiquetas militares? Só uma paixão cega como a sua desconhece isso!

—V. o que me está parecendo é um liberal exaltado.

—Não tenho côr politica, *mio caro!*

—Então mudemos de conversa.

—Acho justo!

Da festa do Dous de Julho

Lhe dou parte, capitão,

Vou lhe contar o que vi,

Q' assisti toda a função.

No palanque do Terceiro,

Não sei si foi bem, ou mal,

Só havia a côr *vermelha*

Na corôa imperial.

Entrei pela cathedral

Para assistir ao sermão,

E depois de o ter ouvido

Ver o resto da função.

Quem prega? Ali me disseram

Ser o conego Villasboas,

E' bom orador, portanto

Vamos ouvir cousas boas:

Porem, capitão, do que

Si havia o padre lembrar?

Dos *santarrões* jesuitas

Que nos querem governar.

E bradou contra a politica

Que os mandou exterminar!...

Que eram homens necessarios

Dignos de se aproveitar.

Quer o governo dos padres,

O tal padre sem razão,

Quer renovar neste tempo

A *bem dita* inquisição.

Por isso, certo doutor,

Que junto de mim se achava,

Me disse, «—indo visital-o,

Um caustico eu lhe pregava.»


Ao padre santo, é verdade,

Elle imita desta sorte,

Que com toda *santidade*

Condemna á pena do morte.

Mas deixemos o sermão,

Que foi da theocracia,
 Vamos contar o que vimos
 Neste grande immortal dia.
 Me ia esquecendo dizer-lhe:
 Na lista dos directores
 Um só nome é liberal,
 E os mais conservadores.
 A minha alma se expandiu
 De prazer na intensidade
 Quando vi oito meninas
 Recebendo a liberdade.
 Honra á aquelle que assim fez,
 E' distincto brasileiro;
 Foram oito gerações
 Libertas do captiveiro.
 No palanque do Terreiro
 O presidente entregou
 A' carta á uma creança,
 Que o *Minerva* libertou.
 Não foi só esta creança
 A' quem esse batalhão
 Humanamente arrancou
 Do jugo da escravidão!
 Já uma outra elle tinha
 Livrado do captiveiro,
 E assim lavando a MANCHA
 Do  IMPERIO DO CRUZEIRO!!
 Se chama livre, é verdade,
 A brasileira nação,
 Mas tantos filhos possui
 Gemendo na escravidão!!
 Vejam isto os que governam,
 Attendam para tal mal,
 Lancem fora o captiveiro
 Desta terra de Cabral.
 Que só assim poderemos
 Nação livre nos chamar,
 E entre as outras nações
 Nosso logar occupar.
 Findo o *Te-Deum*, de foguetes
 Umaz cem duzias tocou-se,
 Deram-se algumas catastrophes,
 Algum caso lamentou-se.
 Vi, ao lado do palanque,
 De Brotas o batalhão,
 Com o *espirito* fervendo
 Deitar um homem no chão.
 Mataram o seu cavallo,
 E quasi matam o *cujo*;
 E' por isso que de festas
 E eu sempre calado fujo.
 Capitão, termino aqui,
 Irei a illuminação,
 E minuciosamente
 Lhe contarei a função.

Chama-se a attenção do Illm. Sr. subdelegado da Sé, para o procedimento de um tal *Luiz Farofa* morador á rua da Laranjeira. Sem se lembrar do que habita entre familias, faz da casa onde mora um alcouce onde nãda do que é honesto se respeita.

As scenas da mais desavergonhada crapula são postas em pratica ás cancaras, e os visinhos mais proximos veem-se na necessidade de trazerem suas familias reconcentradas para não testemunharem tantos escandalos.

—Onde está tua basofia
 Si apanhastes cocco boi?
 Falla, capitão *Mentira*,
 Me diz isso como foi?

Bravatas de valentia
 Não andas a impingir,
 Como gritavas chorando
 Que te fossem acadir?

O rapaz deitou-te ao chão
 Como ao um cacho de bananas,
 Pisou-te a cara aos pés
 Poz-te os beiços em pantanas.

E depois muito lampreiro,
 Nisto quanto és safado!
 Disseste em casa que destes,
 Quando fostes esmurrado.

O Monteiro.

—Capitão, grande novidade.

—Que ha?

—O administrador do correio quiz prender o ajudante de ordens do commando das armas.

—Por que?

—Por ter recebido jornaes da cõrte e estar lendo em quanto esperava o expediente para o general, e até ameaçou de botal-o para fora da repartição.

—E que respondeu o ajudante?

—Repelliu-o como era de seu dever.

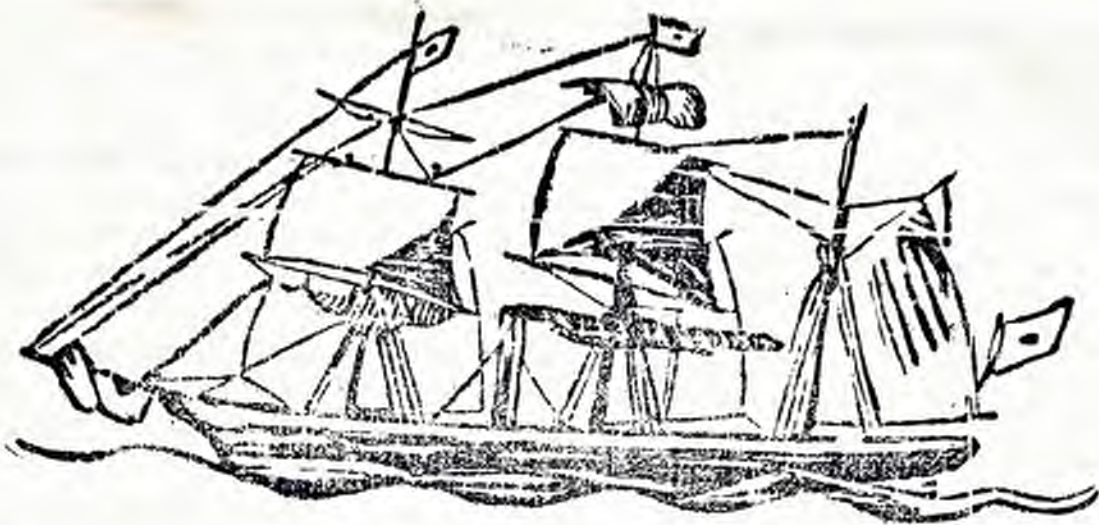
—Muito se vê! Julgava sem duvida ser algum sargento da marinha que la vae receber o expediente para o commandante, e elle bota para fora da repartição.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a folha 58 e 59 do—RO-CAMBOLE.

ANNUNCIOS

Na roça a ladeira do Rio das Tripas, propriedade do Sr. coronel Pedroso, precisa-se de um feitor, preferindo se homem idoso; na mesma achará com quem tratar, das 5 da manhan as 9, e de 4 da tarde em diante.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 53

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 40 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

40 DE JULHO DE 1869.

N. 524.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
9 de julho de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que a audacia dos larapios nesta terra é tanta que, no becco do Mocotó, dous individuos, crioulos, aggridem á pessoas que tem a imprudencia de por ali transitar depois de 10 horas da noite, facto este que se tem dado com pretas e que na quinta feira repetiu-se com um individuo, empregado publico, que teve necessidade de passar por semelhante caminho; e como tal becco esteja, por assim dizer, no centro da cidade, pede-se a S. S. a presença de uma patrulha nelle, ou qualquer providencia que intimide os referidos larapios.

—A' direcção do acceio da cidade, para que mande duas ou tres carroças e os competentes trabalhadores limpar a enorme montureira, agglomerada no armazem por baixo do commando superior, apresentando depois a conta a quem competir.

—A ordem natural das cousas nesta terra anda sempre invertida!

Nas outras partes quem mantém a ordem é a força publica, aqui os homens se aproveitam da farda para fazer barulho.

—Dizem a isso que não embarga dever para comprar fado.

—Ha uma intriga entre certos batalhões da guarda nacional e a policia, que não sei mesmo entender.

—Fizeram sarceiro?

—Na terça feira ás 11 horas da noite, a patrulha do Tabão apanhou do 8.º como teinta.

Os tabareus estavam estuporados, desar-maram a policia, espancaram-na e fizeram o diabo.

—E as authoridades onde estavam?

—Quaes authoridades; os homens de sinhô barão dão lá sé de authoridades?

—Não diga.

—Eu sei que pintaram a manta e não vejo nada.

Subdelegado, inspectores, e toda a malta policial não foram capazes de contel-os.

—Isso é o diabo; assim vamos muito mal.

—Capitão, a commissão dos festejos de Dous de Julho de Brotas tem a honra de participar a V. Ex. que é no domingo 11 que festeja-se n'essa freguezia o immortal DOUS DE JULHO.

A commissão pede a V. Ex. que communique isso a todos os patriotas que quizerem tomar parte no festim; assim como que o programma dos festejos será publicado no sabbado 10 do corrente.

—Estou sciente; vou mandar noticiar ao respeitavel povo bahiano.

—Dê me suas ordens, capitão.

—«Uma esmola para a festa de Nossa Senhora da Boa-Morte, erecta na capellá da Barroquinha!»

—Já começam vossês abalroando a gente no meio da rua, de salva na mão, pedindo esmolas para a festa de Nossa Senhora da Boa Morte. Muito boas saias hão de fazer para esse dia á custa dos fiéis devotos!

—Isso não é comigo, meu senhor, é com algumas excepções, com minhas companheiras, que, em lugar de recolherem todo o dinheiro arrecadado das esmolas, recolhem metade, ficando o resto para se apresentarem bonitas n'esse dia.

—Tome lá; V. parece uma rapariga séria, e fique incumbida, neste caso, de dar-me parte das que não recolherem todo o dinheiro arrecadado.

—Sim, meu senhor!

Nossa Senhora da Boa Morte é que lhe há de pagar.

—Amen!

—Isto parece esperteza!

—Direito, direito; quem engana o outro é juden.

—Alem de ficarem com o dinheiro que tiram aos pobres soldados de policia, á pretexto de fardamento, inventam agora uma despeza para sobrecarregar os homens.

—O dinheiro do soldado dá para tudo.

—Ora, que culpa tem os miseros que seus bonets pela antiguidade adquirissem a cor de rato de cloaca, para serem obrigados a forral-os de branco?

—Quem encommendou o sermão que o pague.

—Ha soldado que tem fardamento vencido desde o anno de 1866 e não lho dão.

—E depois n'um bello dia, que o governo entende, lança mão dos homens manda-os para o sul, e fica-lhes com o que custou seu suor.

—E há quem diga que o governo é serio nos seus tratos.

—Essa historia de capotes da policia, parece um enigma.

Todo soldo desconta-se dinheiro para capote, correm dous, tres, quatro annos e nada de capote apparecer!

—De duas uma; ou ha mamadeira no caso, ou a provincia é mais do que uma refinada caloteira, por que se apossa do que não é seu.

—Capitão; escute isto que é bom.

—Isto o que rapaz?

—N'um telegramma dirigido pelo conde d'Eu ao chefe da esquadra, no Paraguay, conclue assim S. A.:

«A maior parte do armamento que o inimigo tem, foi por elle mandado apanhar no campo de batalha de Lombas Valentina.»

—Rapaz, eu li o telegramma, mas não vi isso.

—Pois não; o *Jornal do Commercio* publicou e a *Reforma*.

—Mas o *Diário Official* não.

—E' porque o governo, mandando publicar o telegramma no *Diário Official*, ordenou que se supprimissem aquelle trecho, assim de evitar a censura que continha ao duque de Caxias.

—Mas aqui de duas uma: ou o governo põe o principe de mentiroso, negando o que elle disse; ou está arditosamente enganando ao paiz.

—Eu sei lá, heim!

—Pois um alarma deste e não apparece um soldado!

—E' um francez e um brasileiro que se estão estafegando.

—Copos atirados, gritos d'aqui d'el-rei, cabeças quebradas, toques de apito e a policia não ouve!

—Ora, si isto se dá aqui no largo do Theatro no botequim do *Indígena*; faça ideia o que não será em um lugar remoto!

—Bella industria!

Só assim se pode comer gallinha gorda!

—De que maneira?

—Como fazem os gatunos.

Andam agora de escada, infestando os quintaes que deitam para a Estrada Nova:

Está que na terça feira raspavam-se com todas as que haviam no quintal de uma casa ao becco da Ordem Terceira.

—Fazem muito bem; contam com a benevolencia da policia.

—Ora deixe-me; a policia tem tanto o que fazer!

—Capitão, o creoulinho dos Mares do qual a africana, sua senhora, metterá a mão dentro da panella de carurú, do que ja as folhas diarias deram noticia, deu-lhe o tetano, e falleceu hontem á tarde no hospital de charidade onde se achava!

—Compete ás authoridades cumprirem o seu dever, desaggravando a lei com a punição dessa deshumana, para exemplo dos barbares senhores.

—Capitão, ainda um facto praticado pelo infeliz archivista da sociedade Monte-Pio dos Artifices.

—Ainda mais?

Atraz do apedrejado correm as pedras!
O que ha então?

—Ha cerca de cinco annos fez o archivista da sociedade Monte-Pio dos Artifices hypoteca pela quantia de 500 \mathcal{D} rs. de uma propriedade pertencente a uma senhora que mora atraz dos quarteis da Palma, em nome da mesma senhora.

Depois, tomando mais dinheiro por conta da casa, que fora avaliada em 2:000 \mathcal{D} rs., elevou a hypoteca, com os premios, a mais de 1:700 \mathcal{D} rs.

A sociedade, tratando de cobrar os premios retardados, dirigiu á senhora um officio, convidando-a a satisfazer os premios e resgatar a hypoteca; tendo voto nesta decisão archivista, como membro do conselho, e encarregou-se de ser o portador de tal officio, que sendo encontrado intacto em casa d'elle archivista, pela policia em varejo, fez suspeitar de que o retardamento do pagamento provinha d'elle; e tratando-se de indagar da dita senhora, declarara ella não ter dado autorisação para hypothecar-se sua casa, que apenas deu uma procuração a elle archivista para poder alugar-a; e que, precisando de 100 \mathcal{D} rs. para concertos na casa, elle encarregou se de os arranjar, bastando, segundo disse, apresentar os documentos probatorios do dominio e posse da propriedade; e que foi unicamente esses 100 \mathcal{D} rs. que d'elle recebeu, e por conta dos quaes ja deu 20 \mathcal{D} rs., e sempre pagou os premios por intermedio d'elle.

Esta pobre senhora velha, em cuja casa foi elle creado, não sabe ler nem escrever; foi por isso facil o abuso, que, logo que lhe chegou ao conhecimento, cobriu-se em lagrimas!

—Que cavalheiro de industrial Ha homens de quem se deve ter dó, e nessas condições está este infeliz!

Porque maneira recompensou essa vibora o bem que dessa desventurada senhora recebera!!

—E aqui, capitão, convem exclaimar:

«Meu Deus, compadecei-vos desse desfortunado!»

—Sim; saa sorte é digna de lastima!

—Capitão, si a assembléa provincial da Bahia mostrou-se estacionaria ante a generosa ideia da abolição da escravatura, não o fizeram assim as de outras de suas irmans.

Em Santa Catharina, Pernambuco e S. Paulo votaram-se cifras para coadjuvar á extirpação de tão pernicioso cancro social.

—Os tempos vão se approximando, a opinião nacional se illustra, e o grande thema liberal, a base da reforma, seu primeiro, seu mais glorioso passoahi vem chegando, ahi

chega com o impeto irresistivel dos factos providenciaes, das determinações inabalaveis do destino.

—E' assim que eu entendo o patriotismo!

O passo dado no caminho do progresso pela patriótica assembléa de S. Paulo, é curto; mas adianta muito; o diminuto grão semeado no terreno da liberdade, ha de fructificar e produzir beneficos resultados.

—A emancipação do trabalho já não é só uma aspiração e um preceito christão; é um compromisso nacional, uma obrigação, uma divida social, e não ha mais forças hoje para resistir-lhe.

—Aprecie V. Ex. o projecto apresentado na assembléa de S. Paulo pelo illustrado Dr. Oliveira Braga.

«Art. 1.º Fica o governo autorizado a dispendir annualmente até a quantia de 20:000 \mathcal{D} para compra de escravos de dous a quatro annos de idade, que serão desde logo declarados livres.

«Art. 2.º As compras de cada um escravo para o fim declarado no artigo antecedente não poderão exceder de 400 \mathcal{D} rs., preferindo-se sempre que for possivel as do sexo feminino.

«Art. 3.º Estas compras serão isentas de todos e quaesquer direitos provinciaes,

«Art. 4.º Dentro da verba acima declarada fica o governo autorizado a dispendir o que for mister para contratar com as casas publicas de caridade, ou com quem melhores garantias offerecer, a criação daquelles menores libertos, que os senhores de suas mães não se quizerem prestar a crear com obrigação de serviço até aos 21 annos completos.

«Art. 5.º Assim de que os escravos do interior possam gozar dos beneficos da presente lei, o governo se informará do juiz de orphãos dos termos, ou da pessoa que lhe parecer, sobre os escravos existentes nas localidades em condições de serem libertados, e verificada a existencia de quota, determinará a compra.

«Art. 6.º Ficam revogadas as disposições em contrario.—S. R.—Paço da assembléa, aos 10 de junho de 1869—*Oliveira Braga.*—*Monteiro de Godoy.*—*Rodrigues da Silva.*—*Paula Ferreira.*—*Beato de Paula Souza.*—*Aguar e Castro.*—*B. Ferreira Coelho.*—*Furquim.*—*Aguar Witaker.*—*Penteado.*—*Tito de Mattos.*—*C. Andrade.*—*Aguirra.*—*Silva Barros.*—*Paes de Barros.*—*J. de Andrade.*»

—A ideia é boa, mas a realisação della é que é a cousa.

A PEDIDO

ARSENAL DE GUERRA.

I.

Não é nosso proposito accusar ao Sr. tenente coronel Paranhos, nem acarretar-lhe dissabores.

As injustiças, porém, que presenciámos, as tropelias de cada instante, o desmantellamento, o desaso porque váe dirigida uma importante repartição, arranca-nos neste momento um brado que deve ir repercutir ante

os Srs. ministros da guerra e presidente da provincia.

O que admira que no Paraguay um despota pratique os actos de mais requintada atrocidade e violencia, quando na Bahia, terra illustrada, tendo a sua frente um governo moralisado e justo, vê-se a mais stulta prepotencia ferindo a lei, opprimindo os subordinados e commettendo toda sorte de desvários?

Ha quatro para cinco mezes, que esta cidade tem conhecimento do *labyrintho* em que se acha o arsenal de guerra desta provincia.

Difficil é de certo conhecer a origem de tanto *disturbio*.

Curiosos, como temos consciencia de ser, temos minuciosamente acompanhado o movimento daquella casa e por elle chegamos a convicção de que é impossivel ter ella uma marcha regular tendo a testa de sua direcção um chefe, que levanamente e por mal entendida susceptibilidade, malbarateia a honestidade de seus subordinados, querendo só e unicamente passar por honrado.

Para emprehender e levar a effeito tão recommendavel tarefa, é de indeclinavel necessidade plantar a desharmonia, gallardoar a bajulação, animar a desconfiança, estabelecer a delação, semear a discordia e dar ouvidos á calumnia; com taes elementos, uma repartição que devia ter por norma a regularidade e boa ordem do serviço, converte-se em foco de intrigas, proprias de bastidores de theatro, ou ainda mais de praça de mercado: dando em resultado perseguição e oppressão aos desaffectedos.

Tudo isso era previsto, desde que o Sr. tenente coronel Paranhos, abandonando a respeitavel cadeira de chefe, ia se sentar entre seus subordinados em inconvenientes e improductivas dissensões, convertendo até a sua sala de expediente em tribunal de devassa ou inquisitorial.

Com que fim queria S. S. saber o nome de quem fornecia apontamentos do que ia pela sua repartição?

A sua posição de chefe de uma repartição dava-lhe por ventura direito de interrogar as consciencias alheias?

Abstemo-nos hoje de aventar reflexões; havemos de continuar com estas toscas linhas, onde pretendemos mostrar á luz da evidencia, que o Sr. tenente coronel Paranhos, aliás muito honrado, não tem a aptidão e tino conveniente para dirigir uma repartição importante como é o arsenal de guerra.

Epaminondas.

Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé pede-se que tome conhecimento do que vae por um sorvedouro estabelecido á Praça de Palacio, cujo proprietario illudindo a attenção da policia, com o disfarce de um bilhar, reúne immensidade de pessoas, á custa das quaes se vae locupletando com o artificioso jogo da *roletta* que dura ali sempre até a madrugada, havendo constantemente *turras* entre os parceiros, do que resulta não poucas vezes andarem aos murros e perturbarem o socego com palavras que são pouco honestas.

REQUERIMENTO CURIOSO.

Illustrissimu sinhô adelegado na pulisa nanciona—Diz Agustinho Manco do esprito Santo, criado de V. S. e da mais illustri famia que ao mesmo tempo requê e pede, pede a V. S. que mande que o capitam Lulu pague o sevado, digo o porco, que fallando com pouco insino andava ambulando nas mata do cujo sabredito capitam Lulu que este le atira com um tiro de porva e bala e o dito sevado pan morre. Não é porque o orador faça caso dessas coisas, que outras malhores tem elle levado, que inda o meis paçado perdeu sua muié que morreu di parto, mais é para que este tratante conhesa e areconhesa o suco de homem que não atura lobaje de outro—E. R. M.

SONETO.

Pelas chammias de amor todo abrazado
Certo dia se viu pobre sandem!
E nos laços cahindo do hymneu,
Para sempre ficou todo *enroscado!*

Mas ai, desse infeliz, do desgraçado!
Mil formas foi tomando qual Protheu;
Quando de si (ja tarde) accordo dea
Em boi se viu metamorphoseado!

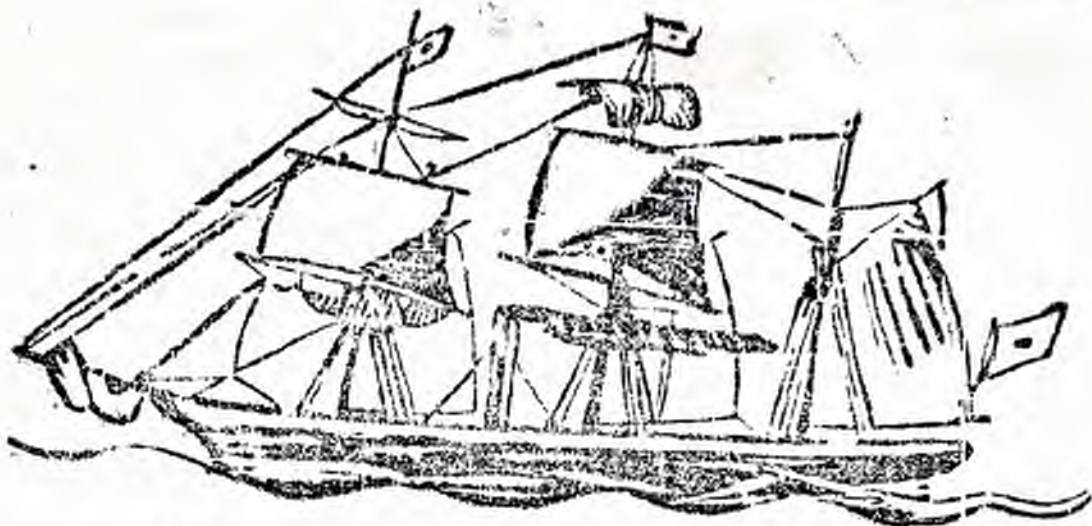
Que figura galante vamos ter,
Silencio, não façamos alarido,
Que a cousa é bem curiosa de se ver!
E' um homem-boi? Não, é um marido
Que não viu em sua testa retorcer
Um famoso par de buxo—retorcido!

ANNUNCIOS

GALVANISADOR.

No segundo andar n. 13, a rua Direita do Commercio, prepara-se qualquer obra de doirado ou prateado, e concerta-se qualquer peça de oiro ou prata, tudo por preços commodos e a contento dos freguezes. —Francisco Xavier de Sant'Anna.

Typ. de Marques, Aristides e Co.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.
Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 40 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

Serie 53

BAHIA

14 DE JULHO DE 1869.

Ns. 525 e 526.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
13 de julho de 1869.

Officio ao Illm. medico do matadouro, dizendo-lhe que, no caso de ser de sua competencia, sirva-se de providenciar para que não continue no mister de talhador um individuo, nos talhos de S. Bento, affectado de lepra, e com o corpo coberto de ulceras contagiosas, o qual, com as mesmas mãos com que serve os freguezes, leva a coçar e limpar o pus que constantemente lhe escorre das cancerosas chagas. A pessoa de quem se trata, chama-se, segundo nos informam, Inocencio.

—Os prisioneiros paraguayos que aqui se acham, noticia o *Jornal* e o *Diario*, dirigiram uma petição ao governo, para lhes permittir que se reunam ás forças alliadas, afim de concorrerem tambem para que sua patria seja libertada do tyranno que a opprime.

—Só visto, que dito eu não acredito.

—Esta gente pensa que os mais ainda comem araras!

Os prisioneiros paraguayos, aqui, que quando ouvem pronunciar o simples nome *del supremo* descobrem-se respeitadamente, fazendo petições para irem guerrear Lopez!

—E' o mesmo que deixar de comer doce, para chupar rolete.

Os paraguayos tão commodamente ca, indo se expor aos perigos da guerra contra sua patria!

—Que o *Jornal* dê tal noticia, transeat; mas o *Diario*!...

—Que tal o Dous de Julho de Brotas?

—Menos mal; a função esteve boa; houveram poucas desordens e muito povo.

—Assim é que serve.

—A policia não deitou a cabeça lá.

—Consta que houve ordem terminante.

—Pusillanimidade, inepecia.

Então a authoridade não tem força moral para fazer-se respeitar?

Qual é o acto publico em que a policia não deve comparecer, prudente, moderada, vigilante e precavida?

—Mas com a gente de Brotas não quer graças.

—Então respeitou?

Si não fosse com o batalhão de *yo Dudú*, talvez que houvesse occasião para a policia mostrar a força de sua energia.

—E até para entrever alguma revolução no enthusiasmo do povo.

—Capitão, foi apresentado na camara municipal, em sessão de 9 de julho, pelo Dr. Eloy José Jorge o seguinte:

«Propouho que esta camara ordene a todos os fisceas, que não consentam que nos açougues permaneçam nas *croes* das ba-

lanças os pezos fora das horas das pezadas.»

—Será uma boa medida, si os fiscaes cumprirem com os seus deveres; não se deixando levar pelas mensalidades que, dizem, recebem dos donos dos talhos.

—Em todo caso, acho que a medida do Sr. Dr. Eloy deve chegar ao conhecimento do povo, e que o imitem os mais vereadores, trabalhando em favor deste povo, sempre lesado nos pezos e medidas!

—Concordo.

—Capitão, o paternal governo, que nós reger, será capaz de cogitar novos generos de impostos para flagellar o povo, alem desses que vieram de chofré esmagar a população?

—Ora si é! V. hade ver, logo que o povo, que é muito fácil de acostumar, se habituar com os actuaes, que chuveiro de novos impostos vem pezar sobre elle!

Cada cidadão, por exemplo, ainda poderá pagar por cada telha da casa em que morar, 120 rs. annuaes, por serem ellas objecto de luxo, pois que Diogenes, segundo a tradição, morava dentro de uma pipa, e as pipas (não tem telhado, e tinha alem disso a vantagem de escolher o lugar onde lhe conviesse para sua residencia, com o pequeno trabalho de rolar a pipa para onde bem lhe parecesse.

Por cada copo de vidro ou cristal se pagará 500 rs., porque todos podem beber em cuia.

—E si o imposto se estender até as cuias?

—Neste caso, beba-se como os animaes, que não têm copo, nem cuia, e entretanto não morrem de sede.

O que usar de chapéu de sol, em tempo de chuva, poderá pagar 500 rs., toda vez que for encontrado, porque não deve estragar na chuva aquillo que é feito para o sol.

O que usar de oculos sem ser doutor, poderá pagar o sextuplo do valor dos oculos, excepto os que provarem que usam delles por impostura.

O que fizer uso de pennas de aço, pagará por cada cento 200 rs., visto poderem todos escrever com pennas de ganço, pato, ou pirú, sem correr o risco de consumir em tal género uma parte de sua fortuna, pois que já tivemos o exemplo de se ter gasto em certa secretaria d'estado vinte contos de réis de pennas em um anno!

—Safal! com tanto consumir de pennas!

E' pena que os taes consumidores não fossem consumir os ossos na casa de correção.

—E como estas ha outras muitas especies de tributos, de que o governo pode ainda lançar mão para sobrecarregar o povo e fazer dinheiro.

—O consolo que me resta é que a mim elles não de lancar uma figa, só si for n'um monte de chinellos velhos que possuo, porque outra cousa não encontram.

—Apresentou-se, hontem 12, na policia uma mulher horriavelmente maltractada queixando-se de um individuo que a pozera n'aquelle estado.

Diz ella que tomara tal deliberação em razão de recorrer ao subdelegado e não encontrar justiça.

—Onde mora?

—No Engenho da Conceição.

—Será feliz, si não for elle algum *filho da fortuna*, porque si for, *babau!*

—O que ha á respeito das *charidades* de ca?

—Nada, por ora.

—Pois as de Pernambuco estão se vendo em papos de aranha.

O deputado Lopes Machado as tem apertado.

Na assemblea apresentou este projecto:

«A assemblea provincial de Pernambuco resolve:

«Art. 1.º Fica prohibida nesta provincia a congregação dos padres da companhia de Jesus, com o titulo de Santo Ignacio de Loyolla.

«Art. 2.º Fica igualmente prohibida na provincia a congregação dos padres lazaristas e outra qualquer de padres estrangeiros; exceptuam-se os missionarios da Ordem de S. Francisco sob a invocação de Nossa Senhora da Penha.

«Art. 3.º Revogam-se etc.

«Paço d'assemblea etc etc.—*Lopes Machado—Amaral e Mello.*»

—Bravo.

—Lopes Machado, signatario do projecto, diz a *Reforma*, é um pernambucano conhecido pelo vigor dos seus talentos e por sua dedicação á causa da liberdade; não é dos moços da assemblea, mas falla com os esplendores da imaginação dos moços.

Escute uma parte do bello discurso com que elle fundamentou o seu projecto:

«O Sr. *Lopes Machado*.—Sr. presidente, em 1528 partiu da Hespanha para Paris um homem de 36 annos de idade, que tinha sido pagem de Fernando V: e assistido ao cerco de Pamplona. Esse homem, nutrido um nobre pensamento, procurava alargar a esphera de seus conhecimentos, estudando ali humanidades.

«Mais tarde encontrou no collegio de Santa Barbara seis jovens de grande talento, seis corações entusiastas, que o cercavam cheios

de admiração, e o acompanharam depois em todos os lances da sua vida.

«Aquello homem chamava-se Ignacio de Loyola, e estes: Pedro Lefevre, Jacob Laynez, Afonso Salmeron, Rodrigo de Azevedo, Nicolau Bobadella e Francisco Xavier.

«Em Montmartre, fizeram uma pequena conferencia, entraram á noite no templo, e á frôuxa luz da lampada juraram, pondo as mãos sobre a Imagem de Jesus Crucificado, obediencia a Ignacio de Loyola, á quem acabavam de eleger chefe.

«Em tudo isso havia alguma cousa de mysterioso, porque nada mais transpirou. Seguiu-se áquella singela eleição o mais profundo silencio, todos ficaram immoveis, parecendo escutar e reflectir. Afinal sahiram do templo como tinham nelle penetrado, e apenas o mestre disse: dentro de 2 annos, contados dia por dia, ver-nos-hemos em Veneza, na escadaria de S. roMas.

«Todos se inclinaram sem proferir palavra, e retiraram-se. Ignacio de Loyola desejava conhecer talvez até onde podia chegar a obediencia ao principio de authoridade, e avaliar a sinceridade de tão solemne juramento.

«São passados dous annos, e aos primeiros arrebões da manhã salta de uma gondola na praça de S. Marcos um homem de fronte espacosa, cheia de rugas e faces descarnadas. Procura com olhar curioso descobrir alguém que o devia esperar, mas ninguem ali está. Não desanima, e indifferente ao que vê, encaminha-se para a basilica, senta-se nas soleiras do vestibulo e espera, absorto em reflexões.

«Duas horas depois apparece-lhe Laynez, depois Salmeron, d'ahi a pouco outro, mais tarde outro, mais tarde outro, e finalmente todos. Estava sendo cumprido, senhores, o juramento de Montmartre, e satisfeita com religiosa pontualidade a ordem do mestre, que para ali os convocara. A sociedade de Jesus nascia nas escadas de S. Marcos.

«Dez annos mais tarde, Paulo III, pontífice nobre e rico, e que apesar de incorruptivel, segundo se lê na historia da origem da inquisição em Portugal de A. Herulano, não duvidou promover ao cardinalato dous netos seus de 15 annos de idade, reconhece e confirma aquella sociedade pela bula *Bimini militantis ecclesie* de 21 de setembro de 1540.

«Da Italia, da França, de Portugal e da Hespanha corre a mocidade a alistarse nessa milicia medicante. O desprezo dos bens terrenos pelas conquistas das almas, o ceu e não a terra, eram o grande pensamento de Loyola.

«Francisco Xavier foi para a India, Lefevre e Bobadella para o centro do protestantismo, Rodrigo de Azevedo procurou Portugal e Laynez a Italia.

«O primeiro pela palavra e pelo exemplo submette 52 reinos aos estandartes da cruz, e consumido pelas fadigas e pela febre morre em uma caverna abandonada, tendo a terra por leito. Este, senhores, é S. Francisco Xavier, o grande apostolo dos indios.

«Bobadella e Lefevre combatem denodadamente na Allemanha e na Suissa as doutrinas reformadoras de Martinho Lutthero e de Calvino.

«O ultimo apresenta-se com Salmeron no concilio Tridentino, e ali são ambos admirados pelos seus talentos e illustração.

«A sociedade de Jesus, estendendo-se por toda a parte cercada de prestigio, parece querer abraçar e levar ao coração o mundo inteiro.

«O seu santo fundador, porem, é chamado ao ceu, e de repente emmudece a voz que evangelisa, desapparece o exemplo que edifica; a sociedade pára, esterilisa-se e logo depois retrocede.

«Sim, senhores, Laynez assumindo o generalato, cega-o o poder do mando, os europeis do mundo exterior. Reforma o estatuto passando um traço negro em tudo quanto havia de exemplar, para introduzir novidades contrarias ao espirito christão; d'ahi por diante a rectidão e a singeleza de coração foram trocadas pela astucia e pelo artificio. A sociedade de Jesus tinha desapparecido com o seu fundador.

«Exceptuae S. Francisco de Borja, e não vereis sinão Agnavivas e Godofredos. Os reis embaixo, sobre os reis os papas, e sobre os papas o jesuita; mas o jesuita sem a campa e o Crucifixo de Xavier, de punhal em uma manga e de veneno na outra.

«Agnaviva depois de reduzir a instituição de S. Ignacio á materialidade da obediencia e de convertel-a em policia secreta, quer governar o mundo, não como um rei sinão como um tyranno.

«O principe de Orange cahe aos golpes do punhal de Gerard Pazzi que tenta assassinar Izabel de Inglaterra, e se diz mandatario dos jesuitas; Henrique III expira fulminado pelo ferro traçozeiro de Clemente, Henrique IV finalmente succumbe ás mãos de Ravallac!

«A agua tofana devasta por outro lado, substitue o punhal, quando este é impossivel!

«O Paraguay cahe presa dos jesuitas que o invadem e barbarisam; vós sabets, senhores, quanto sangue brasileiro se tem derramado, quanto tem custado á nossa patria estremecida chamar esse povo desgraçado ao seio da civilisação.

«A propria inquisição que lhes quer embargar o passo, recua de medo e se submette! Então o mundo se converte em uma ardente fornalha, os gritos das victimas atroam os ares e a christandade cobre-se de luto!

«A espionagem installada por todos os cantos, os confissionarios convertidos em instrumento de delação, augmentam a confusão e o terror: deste estado surge uma nova religião: a religião do fanatismo, do despotismo, a religião dos jesuitas!

«Basta, disse aquelle Divino Cordeiro que veio ao mundo casinar-nos o perdão e o amor do proximo; e á sua voz apparece nesta terra de Santa Cruz um novo David, que mais tarde e com um so golpe acabou com todos esses inimigos da sociedade e da religião.

«Esse David, esse homem predestinado, foi Sebastião José de Carvalho e Mello, Marquez de Pombal, que quando a historia ja não o apresentasse como um dos seus maiores vultos pela vastidão do engenho e energia de character, bastava somente o acto de 3 de setembro de 1759 para ser venerado pela posteridade agradecida.

(Muitos apoiados no salão e nas galerias.)

«O santo padre Clemente XIV não deixou ficar isolada a iniciativa de Pombal, declarou supprimida e abolida perpetuamente a sociedade de Jesus por contraria aos fins da sua primitiva instituição, expedindo á bulla *Dominus ac Redemptor noster* de 21 de julho de 1773. Clemente XIV, invocando o auxilio do Divino Espirito, acrescentava que-ninguem, fosse qual fosse a sua authoridade, poderia em tempo algum restabelecer aquella sociedade.

«Ia cessar por uma vez, senhores, o escandalo de se ver christãos em luta de affrontas reciprocas, injuriando-se mutuamente e se degladiando no seio da propria egreja:

«Pio VII, poreo, receiando o fim de Clemente XIV que espirou no meio das agonias do veneno jesuita, restaura aquella fatal companhia em 1814; mas o acto de Pombal não foi revogado pela bulla de Pio VII; elle continua a vigorar em Portugal e no Brasil; os jesuitas não podem por isso reaparecer em Pernambuco. *(Muitos apoiados.)*

«A bulla de Pio VII não foi reconhecida pelo poder competente; e o facto de continuar o estado na posse dos bens daquella sociedade, consequencia do acto de 3 de setembro, mostra claramente que elle está em vigor, e que os jesuitas não podem impunemente conspirar contra o paiz, nem contra as suas liberas instituições *(estrondosos apoiados das galerias.)* Não obstante, senhores, elles ali andam na conquista dos pulpitos e dos con-

fissionarios, encartando se no ensino e barbarizando o povo. *(Muito bem.)*»

A peroração do discarso, cujo exordio acabamos de transcrever, foi proferido com a seguinte energia debaixo de applausos:

«Senhores, nesta cidade ha jesuitas, em comunidade diz o seu superior. individualmente attesta-o toda a população: é preciso uma providencia que acabe com este escandalo. *(Muitos apoiados, muito bem, applausos das galerias.)*

«Esses homens ensinam publicamente sem a menor fiscalisação do governo *(apoiados)* dizem dos pulpitos o que lhes parece contra as leis do estado sem a minima responsabilidade; e dos confissionarios... ah! senhores, ja se vulgarisa que tentam contra o principio da familia! *(Apoiados.)*

«Alguma cousa cumpre fazer. E' mister que este povo saiba, que aquelle que se corresponde por palavras ou por escripto com o jesuita incorre em graves pennas, attendendo os motivos de ordem publica que aconselharam a decretação e publicação daquella lei. Arredemos Pernambuco, enquanto é tempo, da pernicioso influencia dos jesuitas, que ali vão atando as mãos dos executores da lei, e preparando a geração que surge para a conquista do despotismo e da inquisição. *(Muito bem, applausos nas galerias.)*

«Si alguem ainda ha que pretenda dar como revogada a mais sabia providencia, o mais effcaz beneficio que de Portugal nos veio, tratemos na conformidade das nossas attribuições de pôr um antemural á propaganda jesuitica.

«Temos sacerdotes brasileiros, virtuosos e instruidos para nos levar ao caminho da salvacão; em geral o nosso clero cumpre bem os deveres do seu santo ministerio; nobilitese, eduque-se o clero se não está bem instruido, mas não venham jesuitas barbarisar Pernambuco como barbarisaram o Paraguay. *(Numerosos apoiados no salão e nas galerias.)*

Á PEDIDO

—Pobres animaes, não sei como se aguentam em pé!

Os comilões devoram-lhe todo o sustento!

—Vá para o diabo com a pulha.

Com que ha ser humano que tem o extravagante gosto de saborear o alimento dos cavallos?

—V. está obtuso.

—Então não comprehendo!

—Não é a substancia mas sim a essencia que engolem.

—Seja mais claro.

—Do que isto se azêite:

Figure-se que V. é incumbido de dar comida a certo numero de quadrupedês, para o que recebe um tanto, mas vac a quem lhe vende o genero e diz que quer só metade da' porção.

—Hum! agora estou entrândo na' cousa.

—Pois ainda não me expliquei bem.

Supponha que V. mette o cacete no cobre do *forneccimento* e fica em apertos, por que o *forneccedor as escuras* não anda; o que fazer?

—Em taes apuros, só uma concordata, um desconto mensal, diminuição na quantidade da remessa.

—Justamente; é o que se dá:

Os pobres irrationaes comem por metade.

—E como não fallam....

—Além disso, algum amigo tem ampla faculdade de mandar seu bichinho engordar na meza commun cavallar.

—Supponha mesmo que apparece algum para a *trato*; recebe-se.

—Sim, eim? V. se fazendo de rôla, quando anda mais adiantado do que eu!

Não é a minha custa, que ha de receber *instrucção* do que se passa; meu *caçador* de novidades!

POESIA

RECITADA NA NOITE DE 5 DE JULHO, POR OCCASIAO DA LEVADA DOS CARROS TRIUMPHAES.

Vê-lo, oh! povo! a magestade
Do nosso patrio poema!..
Amparando a liberdade,
No Brasil não ha quem trema!
Firmado em livre doutrina,
Altivo o povo, se ergue!..
Qu'importa que alguém enchergue
Sediceão no enthusiasmo?!
O mundo nos olha pasmo,
Dizendo: —patriotismo!—

Vêde, oh povo! a differença!
Entre nós a confiança
Borbulha da nossa crença!
Ali, o terror avança,
Nas filis dos timoratos!
Aqui, cidadãos pacatos,
Sólfejamos hymnos de gloria!
Ali, projectam victoria...
Em sonhos da phantasia!

Nescios! si o povo quizesse
Macular o seu brazão,
Que importava que viesse,
Fuzil, espada, e canhão?
O povo, é como a tormenta,
Quando no espaço rebentá,
Ninguem a manda parar!
Quando a voz do povo trôa!
Que valem sceptos e crôa?

Ah!.....

Mas nós somos monarchistas,
E dos rebeldes nas listas,
Não podemos figurar!

Quando o povo tem'á frente
Homens livres, conto temos,
Quando estes nutrem fé,
Como a fé, que aqui nós vemos
O throno está garantido,
O rei é sempre querido,
Por que o povo soberano,
Altivo, soberbo, ufano,
Quer, adora as tradicções!
Detesta, sim! aos truões,
Que calcam os seus direitos!

Povo! a nossa bandeira,
Por um livre foi guardada!
Agora vac ser levada
Em honra da nossa gloria!
Amanhã, quando a historia
Este factó registrar,
Hade o mundo admirar,
Nosso valor e socego!..
Os nescios, que tenham medo..
O povo não, por que é rei
E nada pode temer!

Mostremos pelo exemplo
Que na terra de Cabral,
O povo, não fere ao povo,
Por que o povo é —liberal.—

D. Augusto.

—Os camaristas passam na rua dos Capitães?

—Porque não?

—Então não veem qual o encanamento das aguas que fez o Sr. Sigisnando Leite, na casa que reedificou, comprada ao Sr. Manoel Galeão?

—Isso é negocio de pouca monta.

—Não tanto, porque traz grande incommodo aos moradores d'ali, e como V. é da politica actual, peço o seu valimento, afim de que este proprietario seja obrigado a ir reparar quanto antes esse mal que está causando.

A prova do allegado está no estado em que se acha constantemente a rua, no testemunho da visinhança, e na solleira da porteira do quintal, na qual, sendo de pedras, se fez um rego para mais facilmente correrem as aguas.

Enfim, conto-lhe o factó, e por seu intermedio espero as providencias.

Eu conheci certa freira
Que morava n'uma toca;
O tatu tem rabo fino,
Taquari não é taboça.

Tem macete o fogueteiro,
E usa tambem de broca,
Todo serrote tem dentes,
Taquari não é taboca.

Milho secco dá cangica,
Secco torrado é pipoca,
Casaca de burro é sella,
Taquari não é taboca.

Peixe redondo é arraia,
E comprido é sororoca,
Gallinha sem rabo é súra,
Taquari não é taboca.

Homem pequeno é cathurra,
Fumo amarrado é manoca,
Colchão de penna é macio,
Taquari não é taboca.

Casa rica é palacete,
Sendo de pobre é biboca,
O boi mora no curral,
Taquari não é taboca.

Cada terra tem seu uso,
Cada fuso sua roca,
Camarão grande é pitú,
Taquari não é taboca.

—Capitão, fiz uma descoberta importante.

—Provavelmente, a quadratura do circulo.

—O' gentes, capitão! Nada de brincadeira,
o caso é serio.

—E V., meu patola, não me esteja a *aporrinhar* a paciência.

Si quer dizer alguma cousa não demore.

—Que pressa! nem que estivessemos corridos da justiça!

—Rapaz, não se torne enfadonho.

—V. Ex. não sabe?

A policia do Sr. Assis tem agentes secretos, que, disfarçados, se introduzem pelas casas de familia para ver o que se passa.

—Logo eu vi que V. vinha com um disparate!

—Quer me ouvir?

—Diga.

—A policia andava toda assustada com medo da phantasiada revolução, que tinha de arrebeutar por dous de julho e expediu seus ageates por toda a parte a cata de novidades.

—Isso não tem paridade com o caso.

—Ora si tem!

Escute e veja.

No dia Dous de Julho estive em uma reunião em casa do ourives M. R. da G., onde apresentou-se um individuo de compridas barbas, espessos bigodes, com ares simplorios de *Lulu*; eu, porem, que não como angá, desconfiei logo do melro, e assentei que tudo aquillo era affectado.

—E soube quem era o sujeito?

—Um espião de policia disfarçado.

O tal *Lulu* era um individuo consummado *Pedro-mal-as-artes*, um gallo velho com famas de *pinto*, que ali anda.

—Ja sei.

—Logo que o ouvi fallar conheci-o.

E depois, elle encarregou-se de denunciar-se a si mesmo.

Houve um brinde, onde alguém censurou os desvarios da policia e o lorpa, em logar de ouvir e calar, poz-se como um possesso a defendel-a.

—E' mesmo a gente que a policia pode encontrar; parva como ella.

—O sujeito bafava como uma baleia quando recebe o arpão, blaterou, gritou e quiz até prender; chamou os brasileiros de anachristas e disse que, si não fosse o tino do chefe de policia, o archote da revolução áquella hora estaria incendiando tudo!

—Que patifão!

E dono da casa tolerou tudo isso?

—Eu quiz advertil-o.

Mas, para evitar algum desaguizado, calei-me.

—O fim era esse; provocar, para ter motivo.

—Mas não acha que é um desaforo, um esbirro introduzir-se no meio de uma familia, tresmudado para devassar o que se passa?

—Pois não.

E depois disso digam la que a policia do Dr. Assis não é atilada!

MOTTE

Sôpa, mingau, vatapá,

Não se mastiga, escorrega.

GLOZA.

E' balda de gente má,

Gostar de comida ralla,

Botar na meza, na sala,

Sôpa, mingau, vatapá;

Quem é tollo come ingá,

A gente sem vista é cega,

O visco de jaca pega,

Tabaco é chiñre torrado,

Beijos de moça e mellado

Não se mastiga, escorrega.

—Capitão, té que finalmente o *Mellorio* tomou um puxo, porem, como a montanha da fabula, deu á luz um ridiculo ratinho, e foi mesmo puxo de *puxtor prismado*; pelo que pole sem o menor receio alimpar a mão na parede...

—Homem, pois então o *Mellorio* estava pejado?..

—Ora, meu capitão, não me interrompa, pois eu estou na veia da pujança; e nem queira ainda mais ridicularisar a esse *marreco*; por que, ainda que os homens parisssem, o *Mellorio* não estava mais na idade de conceber, embora alardeie que não se troza por nenhum rapaz; e assim permitta, que continue. O *Mellorio*, tendo pedido vista, para sustentar suas celebres declarações, e isto em virtude de ter um dos herdeiros apresentado razões, ou impugnações, ou antes um formal desmentido a esse tropel de falsidades, elle, com o seu silencio classificou de exactas e de justas taes impugnações, e apenas limitou-se a sustentar tres pontos, unicos sem duvida que elle considera serem os verdadeiros, e a isso é que chamam partidas de leão, e paradas de sendeiro, porque miseravelmente ficou, como sempre, com cara de palhao.

—Rapaz abrevie, pois eu estou ancioso por saber quaes foram os tres pontos, e como se desenvolveu o *Mellorio* em tal sustentação.

—Admiravelmente, meu capitão, e foi da forma seguinte. Diz que não mencionou os ganhos de uma escrava do casal, porque ella costuma embriagar-se, e por conseguinte nada faz, e que elle aguenta com suas moafas, entretanto que a mencionada escrava, alem de empregar-se no seu serviço, tem sido encontrada pelas ruas desta cidade, guiando a um homem cego, o qual lhe paga os dias ou semanas.

Apresenta um interessante volume, digno de ir para a exposição, e vem a ser—um ridiculo papel, a que elle chama doação, ou património feito a um *tal fradeço frei Fífina*, afim deste poder desfradar-se, quando, por lei, os *frades* não podem acceitar beneficio algum, e para desfradar-se não necessitam de patrimonio, visto ja terem ordens, alem de que esse papel é nullo, por que diz a lei que as mulheres não podem doar quantia maior a cento e oitenta mil rs., sem que procedam a indispensavel insinuação; entretanto que a doação em questão é do valor de dois contos e quatrocentos mil rs.; logo, faltando essa clausula em direito, claro fica, que esse papel é nullo, e só pode servir para *guardanapo* de *frei Fífina*:

Ora, esse *fradeço*, em uma carta que escreveu a semana passada, diz, que sempre desprezou, e despreza esse papel, visto como nunca se utilizou de favor algum dos herdeiros, e nem das migalhas do casal, entretanto que, como quem não quer a cousa, introduz na mão do *Mellorio* o tal volume, a ver si pegavam as bichas; fazendo o *frei Fífina* mesmo de capadocio, adoptando o seu chulo, e

barlesco dictado—a mode cousa que não quero... estou querendo.....

—Rapaz, essa doação é das de cajuleorum, si por um lado causa riso, por ver toda essa miseravel tramaia, pelo outro causa nojo, e revolta ver tanto cynismo e tanta esper-teza:

(Continua.)

QUEM DIZ—NÃO SEI—DIZ QUE SIM.

Joanninha, eu quero um beijo;
Como o de hontem, tal qual;
Trens medo de dar-me o beijo?
Um beijo só não faz mal.

D'aquelle que hontem me deste,
Gostei tanto!... oh! si gostei!...
O que nós ambos sentimos
Nem tu sabes, nem eu sei.

Ta coraste? isso é verdade,
Dize la? Tambem corei;
Não respondes?... és maldosa...
Não fui eu que te ensinei.

Quando teus labios, tão meigos,
Eu senti nos meus roçar...
Que emoção terna e suave
Fez de amor meu peito arfar!...

Descrever-t'a eu desejara,
E não posso tal fazer;
Mas dando-te outro beijinho
Poderás comprehender?

Queres fazer a exp'riencia,
Joanninha, meu amor?
Falla, dize, anda depressa,
Não tens do que ter temor.

—Não sei—me dizes, e a furto,
Ohas Joanninha, p'ra mim?...
Ah! comprehendo o teu mysterio:
Quem—diz não sei—diz que sim.

VARIÉDADES

APRECIACÕES JORNALISTICAS.

As damas tomam por tarifa do merito jornalístico os folhetins e as noticias diversas. Os politicos d'agua doce querem noticias estrangeiras.

Os pretendentes a jornalistas, logares de deputados, ministros, etc., só gostam de polemicas.

As velhas feias gostam das partes da policia, e noticias de mortes violentas, para podereira chorar.

Os mancebos vadios querem longas gize-tilhas.

As donas de casa leem os annuncios, As raparigas decoram os romances e os ar-

tigos sobre modas, e calculam os espectaculos.

Os poetas e namorados não olham para periodicos que não tragam versos.

Os agricultores olham para os preços correntes, em que não acreditam.

Os militares querem por extenso os boletins das batalhas, ainda que sejam na China.

GENEROS QUE NÃO SE PODE TER POR CAUSA DOS EMPRESTIMOS.

Cavallo de estrebaria
Chapéu de sol
Livros de historia
Violão
Apparelho doirado de chá
Cedulas miudas

DESAPONTAMENTOS.

Estar-se com a dispensa vazia e chegarem vizitas á casa.

Estar um homem gabando-se de que dá e assigna esmolas para tudo, e chegar uma subscrição á porta para certo acto de charidade, para o que a gente já não se pôde recusar, avista do que acaba de conversar.

Dizer a um homem de fóra que nada se deve, e chegar um caxeiro de cobranças á porta e dizer:

— Meu amo manda-lhe dizer que si o Sr. não lhe pagar até amanhã manda-lhe citar.

Estar-se na *jogatina* em certa noite; no dia seguinte passear-se com certo figurão, e n'esse acto chegar um individuo esfarrapado e bebado e dizer-nos:

— Olá *Fulano*, hoje não vâes a *banca*? Eu lá te espero para me pagares aquelle cobre da sóta....—

UM MODELO DE ELOQUENCIA SAGRADA.

Eis um excerpto do sermão, que a cerca da promessa do Messias, pregou em França o celebre e afamado *Menot*, que alli floresceu ha mais de 350 annos; vamos a elle que é engraçado: «Deus, diz elle, tinha *ab æterno* determinado a encarnação, e a salvação do genero humano, mas queria que grandes personagens, taes como os santos padres, lh'a pedissem. Adão, Enos, Mathusalem, Lamech, e Noé depois de terem inultimente sollicitado lembraram-se de lhe mandar embaixadores. O primeiro foi Moysés, o segundo David, o terceiro Isaias, e o ultimo a Igreja: estes embaixadores sendo tão mal succedidos como os patriarchas, julgaram acertado deputar-lhe mulheres.

Madama Eva foi a primeira que se apresentou, a qual Deus respondeu: *Eva, tu peccaste e não és digna de meu filho.* Depois madama Sara que disse: *oh! Deus ajuda-me.* Deus respondeu: *tu tornaste-te indigna pela incredulidade que mostraste quando assegurei que serias mãe de Isaac.* A terceira foi madama Rebecca. Deus lhe disse: *tu lesaste enormemente Esau em beneficio de Jacob.* A quarta madama Judith, a quem Deus disse *tu assassinaste.* A quinta, madama Esther, a quem elle disse: *tu tens sido muito casquilha, perdias muito tempo a enfeitar-te para agradar a Assuero.* Em fim, foi enviada a creada da camara (*chanbrière*) de 14 annos de idade, a qual com os olhos no chão e toda envergonhada se ajoelhou e lhe disse depois: *que o meu bem amado venha ao meu jardim para comer os seus pomos; o jardim era o ventre original.* Ora o filho tendo ouvido estas palavras, disse a seu pae: *meu pae desde a minha mocidade amei, esta quero-a ter por mãe.* No mesmo instante chama Deus a Gabriel, e lhe diz: *Vae depressa a Nazareth a casa de Maria, e entrega-lhe da minha parte esta carta.* E o filho accrescentou: *dize-lhe da minha parte que a escolhi para minha mãe. Assegura lhe, diz depois o Espirito-Santo, que eu habitarei nella, entrega-lhe tambem esta carta da minha parte.*»

Era de um auditorio ficar de bocca aberta.

Os sermões d'este franciscano são ainda hoje procurados pelos amadores, pela mistura barbara que nelles se faz do serio e do comico, do sagrado e do burlesco.

COUSAS QUE MAIS AFFLIGEM NO RECONCAVO.

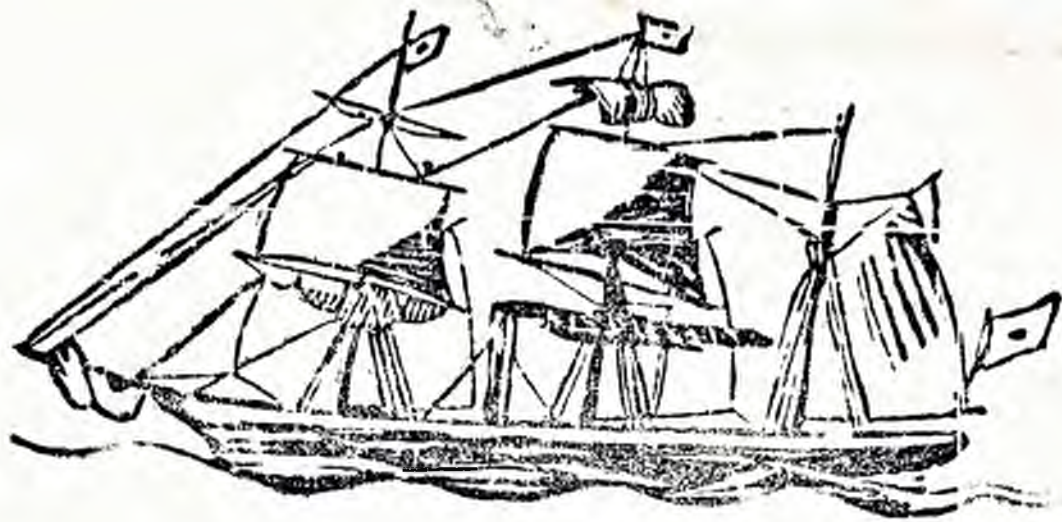
Rios sem pontes,
Cavalllos refugadores,
Conversa de tabareu estúpido,
Desembarque com mosquitos,
Maus vizinhos,
Enterro em dia de chuva.

COUSAS QUE FAZEM CHORAR

Separação de amigo verdadeiro,
Morte de parente pobre,
Saudade de namorado,
Raiva suffocada,
Honra denegrida,
Dor de dentes forte.

ANNUNCIOS

Pede-se ao Sr. Silvestre Ribeiro Lima o favor de ir a loja n.º 10—B, á rua Direita do Collegio, para tractar negocio de seu interesse.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 33

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 40 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

17 DE JULHO DE 1869.

Ns. 527.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
16 de julho de 1869.

Officio á Ilma. camara municipal, pedindo-lhe que mande limpar os canos á ladeira do Alvo, e rua do Gravata, os quaes, em vista das porcarias que nelles despejam os moradores dessas ruas, exhalam terrivel e insupportavel feoentina, o que muito concorre para o prejuizo da salubridade publica.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que tome debaixo de suas vistas uma malta de estripulentos vadios que estacciona na ladeira das Hortas a perseguir quem passa e perturbar o socego dos moradores com desabrida e immoral algazarra. Cumpra.

—Ao fiscal da Conceição da Praia, ordenando-lhe que se dirija a um portuguez de nome Domingos, com loja de ferreiro á rua da Preguiça, e faça-o retirar umas barras de ferro que o mesmo tem depositadas no meio da rua, empatando o transito publico. Cumpra.

—O vapor *Paulo Affonso*, sahido daqui na sexta-feira passada, ia dando com os focinhos em cima das pedras.

—Como?

—Inadvertencia ou descuido do capitão,

perdeu a derrota do Morro, e tomou o rumo de Jequiricá, indo direito encara,itar-se sobre os recifes.

—Porém felizmente nada aconteceu, signal de que o perigo foi presentido a tempo de evitar-se.

—Por um accaso.

—E, de agora em diante, é provavel que haja mais vigilancia e cuidado.

—Capitão, a policia é cega ou faz se?

—Eu sei, meu bom amigo.

—Como é que não vê o inaudito escandalo que se dá no theatro?

—Ao que se refere?

—Ao despejo com que o caixeiro da empreza *cambeia* publicamente nas noites de espectaculo.

—Pensei que era outra cousa; bagatella!

—Ha occasiões em que não se encontra um só bilhete no ponto da vendagem, ao passo que estão todos em mão do Christuiano que os vende por mais do preço.

—São cousas.

—Mas V. Ex. ha de concordar comigo.

—Em que?

—O empresario não concorda com semelhante tramoia com prejuizo seu.

—E' claro,

—Por consequencia..... etc., etc.

—Capitão, vi agora praticar-se um acto da inqualificavel perversidade.

—Em que logar?

—Na venda *Estrella do Oriente*.

—Sei, é no largo de S. Bento.

O que aconteceu?

—Vaga por essas ruas um pobre idiota, crioulo, que não offende a ninguém.

O caixeiro da taverna mandou-o subir por uma escada de mão, e quando o infeliz chegou a altura das prateleiras, puchou-a, atirando-o sisudo ao chão!

—Que malvadez!...

—Esta torpe acção foi applaudida com estrepitosa gargalhada da pandega de tropiantes que fazem da venda seu pouso.

O infeliz esteve mais de cinco minutos estendido no chão sem se poder mover, e depois dele vantado, ainda levou muito tempo para recobrar o uso da fallã.

—E' um procedimento negro, que reclama inexoravel punição; mas o que quer que lhe faça?

—Apenas que leve ao conhecimento do chefe de policia, o qual, justiça lhe seja feita, em taes casos tem procedido sempre energicamente.

—Pois bem, vou cuidar nisso.

—Ha cousas que não valem a pena e entretanto massam uma pessoa!

—Uma dellas qual é?

—A mania em que dêram os Srs. boticarios de carimbarem as receitas alheias,

—Não percebo.

—O senhor vae com uma receita a qual quer botica saber simplesmente o preço do remédio; o pharmaceutico em vez de lhe dizer o custo, escreve-o na receita.

—Pois V. não sabê porque é?

—Sei que é uma especie de especulação; pretende-se com isso impossibilitar que em outra botica se avie por menos.

—Eis ahi.

—Porem é um abuso; mormente quando os boticarios, comprando todos as drogas pelo mesmo preço e pagando os mesmos direitos, um pede 6000 rs. pelo mesmo que outro ja pediu 2500 rs.

—Na verdade é uma cousa inconcebivel!

—O' amigo!

—Prompto.

—V. de que batalhão é?

—Do 8.º

—Então, vão fazer fardamento novo?

—Quem disse isso?

—Eu, que supuz.

—Enganou-se.

—Pode ser.

—Mas como vi um seu companheiro dizer

que havia ordem para se descontar um tanto no soldo de cada guarda, julguei.

—O desconte honve, para o que ignoro.

—Bem; queira desculpar.

—Não tem de que, senhor.

—Fállêceu, no dia 9; o alumno do collegio Atheneu, filho do bravo capitão dos zuavos João Francisco Barbosa.

—Ja tive seiencia. O seu enterro fôï feito com toda a décencia, pelo correspondente do seu paó o Sr. coronel Carvalho. A missa em suffragio de sua alma foi celebrada na igreja do Rosario de João Pereira, no dia 15 do corrente.

—Dê minha parte dou os pezames ao seu distincto pae.

—Tambem eu.

—Capitão, está desoccupado?

—Para que?

—Para ouvir a sarabanda que o *Tribuno* passa nas irmans de charidade.

—Diga.

—Lã vae.

Deixemo-nos de historias---o instituto de S. Vicen-to de Paula, obrigando a voto biennial, alenta a prostituição das irmans de charidade: em regra é recolhimento para as velhas que não podem mais ganhar com a prostituição e se convertem---e para as moças meio para abandonarem as familias e terem liberdade de andar com seu chapéu e com o Christo indecentemente pendurado a cintura para fazerem fortuna até se habilitarem, deixarem a ordem e se estabelecere.

..... e é com essas mulheres que trafecam em nome de Christo, que pretendem menoscabar e insultar as brasileiras, das quaes podemos dizer que as peiores são melhores do que todas as irmans de charidade.

Sim, as brasileiras não prestam, porque não encobrem sua maldade com a chapeleta da caridade, nem mettem o Christo entre as pernas; em quanto que muitas irmans de charidade encobrem sua devassidão com aquelles habitos, e nós sabemos que o --- habito não faz o monge.

.....
E' brasileiro insultar a honra e aptidão das brasileiras, para exaltar o merecimento de umas mulheres que vem por ahi além, trazendo amarrado ao cós da saia um lazzarista!

Grande desgraça é a nossa! As miseraveis mendigas de Paris, as trapeiras, as convertidas; apenas se apresentam aqui de chapeleta, são superiores ás brasileiras!

Fallam de Portugal. Os portuguezes não soffraram o dominio dessas estrangeiras aventureiras, e sem se importarem com o governo as foram embarcando e estão muitos satisfeitos com a caridade das portuguezas; so aqui brasileiros indignos degradam as nossas patricias para elevarem umas farpellas como são quasi todas as charidades, que vem procurar fortuna neste desgraçado Brasil.....

—Aprel assim está forte de mais!

—Quem se pode haver em tal dubadoura! Um a fazer, outro a desmanchar! Ninguém sabe a quantas anda.

—O que ha?

—O subdelegado do 2.º districto de Santo Antonio concedeu licença, assignada por si, para haver candomblé no districto de sua jurisdicção; um agente da repartição da policia recebeu *um tanto* para arranjal-a; o chefe de policia manda cercar o *zungú* e prender os que lá estavam!

—Assim é o chefe desmoralisandó a authoridade subalterna.

Si o subdelegado não tem attribuição para dar licença, exorbita de sua authoridade e deve ser demittido, e si tem, não deve ser assim desprestigiado.

—Eu sou contra os candomblés, mas entendendo que não é com surpresas que se deve prohibil-os.

—Houve má fé uma vez que a reunião foi com o consenso da legitima authoridade, e de mais a mais se pagou dinheiro.

—Os soldados fizeram um saque tremendo. Arrombaram arcas e bairns de diversas casas e pilharam aneis, correntes, argollas, coraes, dinheiro e tudo que encontraram, e o que não era de *aproveitar* estragaram.

Um soldado recebeu 500 rs. para soltar uma presa.

—Está direito; assim é que é fazer serviço.

—Em abono da verdade é preciso dizer que alguns portaram-se bem.

—Si eu merecesse a honra de ser attendido pelo chefe, pedia-lhe que se dirigisse aos subdelegados para não continuarem a dar licenças para candomblés.

—Lê-se na *Opinião Nacional* de Pernambuco:

«**DOUS DE JULHO.** — Os filhos da Bahia, aqui residentes, celebraram nesse dia a festa patriótica e humanitária de sua sociedade emancipadora: dezenove crianças foram alforriadas.

Semelhantes actos enunciam-se e não se commentam: na sua enunciação está o seu elogio.»

—Os infelizes doentes da Santa Casa são tratados com incrível deshumanidade!

—Não é sem razão que muitos enfermos, aliás indigentes, mostram decidida repugnancia em tratar-se naquelle estabelecimento e preferem morrer ao desamparo.»

—As irmans de charidade são a perfeita antithese do nome com que se esteapam.

Mulheres endurecidas, de coração obsecado, não aninham nos peitos o menor sentimento de compaixão! Tratam os desgraçados a quem as garras da miseria e do infortunio arremessou ao leito da charidade publica, como si fossem animaes immundos.

Não ha desvello, não ha charidade. Indocis e altivas, so cuidam de si e os infelizes expiram quasi abandonados.

—A missão de charidade dessas estrangeiras orgulhosas, consiste n'uma cousa—o ganho.

—Insensiveis aos soffrimentos do proximo, ellas passam indifferentes pelo leito da agonia, sem ministrarem um conforto, sem dispensarem uma consolação; balsamo efficaz, que mitiga as dores da humanidade e alenta aos que gemem a supportar com resignação as dores que os tortura!

—São crueis e ambiciosas.

Verdadeira irman de charidade lá está nos campos do sul, uma bnhiana illustre (a irman do Sr. Mantez Jeronymo) em uma missão santa e sublime.

Compare-se os rasgos de abnegação e charidade daquelle coração generoso, da alma singela e para-e sem pretensões com o que praticam aqui as appelladas filhas de S. Vicente de Paula e decidá-se.

—A comida que se dá aos desgraçados causa asco.

—So encarar a infeliz moça que a reparte, basta para causar nauseas.

E' uma filha da casa, atacada de uma molestia permanente e repugnante.

A gosma que constantemente lhe espuma da bocca, cahe nos pratos da comida que ella divide.

E' facto que pode ser verificado por quem quizer.

—Um pobre doente flagellado de dores, aborrecido, enfastiado, como poderá tragar tão nojenta porcaria?

—Até nisso são tyrannas; obrigar uma moça doente a trabalhar!

—Eu desejava, si podesse, ouvir do Sr. provedor da Santa Casa, si tamanho abuso é praticado com conhecimento seu.

—As irmans de charidade fazem tudo quanto querem.

—Parece que a Santa Casa não está em circumstancias tão criticas que não possa pagar a um servento áccido e limpo que distribua o alimento com os infelizes que se veem na necessidade de recorrer a charidade da Santa Casa.

A PEDIDO

ESCUTEM.

Eu tenho por vizinha uma moçuca,
Que leva dia e noite na janella,
Arma-llo os alcapões do matrimonio,
P'ra ver si eu caio um dia na esparrella!
Inda hontem me disse que morria

Por ver-me tão esquivo a seu agrado,
E me offertou tremendo e envergonhada
Um bollo dos chamados—bom bocado.

Chuchei-o com afan! Eu sou damnado
Por doces que me dão as namoradas,
Não ha coisa melhor, enche-se a pança
Debaixo de prazer e gargalhadas!

Sempre a tarde me espera; eu a saúdo
Tirando-lhe o chapéu por gratidão,
Pois é ella que a roupa do rapaz
Engoma, sem custar-me um so tostão.

Eu quero muito a moça e não concedo
Que a tirem deste peito que hoje é seu;
Si um outro não casar com a tal pequena
Por Deus, juro com fé... então nem eu.

—Mulher *judia!*

—E' uma furia!

—Espanca a misera pardinha, que por infelicidade é sua escrava, que faz lastima!

—Não ha dia em que a coitadinha não seja battida deshumanamente.

—E a sem razão do castigo!

—Si o marido fosse vivo, talvez não lhe causasse tanto zelo quanto o amante.

—E' praticando tanta atrocidade que entende observar a lei do Senhor Deus de Israel!

—Qual! Aquillo é uma fera com forma humana que veio se entocar na *rua Direita*.

—Oh! que *za...* adonal

—... *Augure* má semelhante vibora!

Mulher velha de capona
Tudo que apanha reboca,
Cana picada é rolete,
Taquari não é taboca.

Todo deputado estúpido
N'assemblea se apoca,
Acafrão não é p'ra boi,
Taquari não é taboca.

O engenho faz assucar,
Rapadura a engenhoca,
No convento faz-se doce,
Taquari não é taboca.

Mulher velha não consente
Que lhe chamem corcoroca,
Gallo capado é capão,
Taquari não é taboca.

Casa que muitos governa,
Anda tudo a matroca,
Do ovo nasce a gallinha,
Taquari não é taboca.

Tartaruga e jacaré,
Põe em terra, no mar choeca,
Bem-tevi *vê*, mais não falla,
Taquari não é taboca.

Eu vi uma rêde armada
Nas pernas da murissoea,
Todo gallé traz corrente,
Taquari não é taboca.

REMESSA.

Certo burro grenado,
Que enche as bochexas de vento,
Diz dos sabios ser portento.

Ora esta?...

Uma cousa que não presta,
Nascido não sei aonde,

E da Ribeira!...

Que so é grande em asneira,
E no verbo—maleriação,
Que diz ser um valentão

E sem rival!...

Prendam bem esse animal,
Que se encarta entre gente boa,
Sendo cousa e não pessoa,

N'esta terra!...

Com os seus berros ninguem se aterra,
Levem nos aos empurrões,
E sugem-lhe bem os botões

Da tal fardal!...

Cheguem ao nariz mustarda,
E certo de que não é gente
Imprimam-lhe um ferro quente,

Marquem bem o burro!...

Não se importem com o urro
Que diz .. metam-lhe esporadas,
Ponham-lhe silhas riscadas

E bridas de ferro!...

No par de aranhas.

VARIIDADES

SUBSTITUIÇÃO ORIGINAL

Um alfaiate foi condemnado a ser enforcado.

Era n'uma aldêa da Normandia.

Os habitantes foram em deputação ter com o juiz.

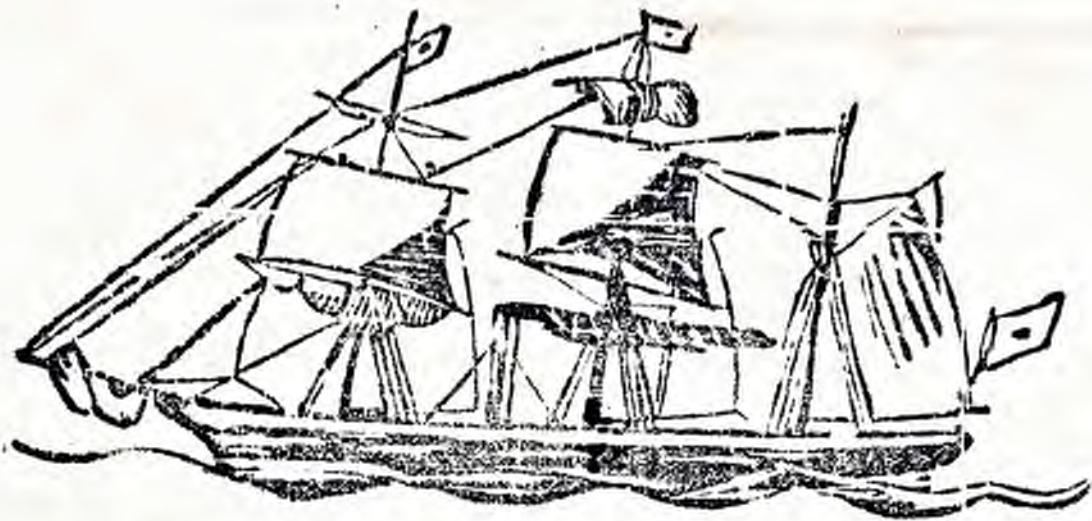
—O que querem? perguntou-lhes este.

—Oh! senhor juiz, disseram elles, si o nosso alfaiate é enforcado, faz-nos isso um grande transtorno; porque so o temos a elle. Ora como nós temos dois carpinteiros de carros, escolha o senhor juiz um delles e enforque-o, em lugar do alfaiate; comtanto que fique um, é o que basta.

O luxo destroz as fortunas, e deprava os costumes.

O herdeiro do rico arma a casa de luto, e o coração de gala.

Quando o capricho é teimoso, não cede a razão.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Ano VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 33

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

21 DE JULHO DE 1869.

N. 528.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
20 de julho de 1869.

Portaria ao fiscal da freguezia da Conceição da Praia, ordenando-lhe que se dirija á casa do portuguez Domingos, á rua da Preguiça, e depois de examinar o estado de imundicia em que se acha o pateo de sua referida casa, pespegue-lhe com a competente multa, assim de que seja mais aceiado e a vizinhança não seja incommodada com a fedentina que exhala o mencionado pateo. Cumpra.

—A farinha, estes dias, tem chegado a um preço exorbitante.

—E vae subindo cada vez a mais.

—Ao passo que, dizem, ha extraordinaria quantidade della agglomerada em depositos.

—A gana dos atravessadores abarea todo genero que apparece e faz d'elle um monopolio odioso, produzindo a carestia.

—Gente sem alma!

Destestavel ganho, a custa das lagrimas da pobreza!

—Entretanto, quem deve procurar evitar semelhante calamidade, nem se mexe.

—Agora, si o povo ja tão torturado e flagellado, levado pelo desespero, tomar uma medida extrema, aqui d'elrei!

—Capitão, o Sr. Eusebio é um rapaz, ou-
rives, que, achando pouco lucrativo o officio,
adoptou industria mais rendosa.

—Cada qual procura suas melhoras.

—A Sra. Clara Maria Ritta, creoula, velha,
metteu-se nos pannos de ver a Deus e foi as-
sistir a uma festa de igreja; na volta, encheu
os olhos ao rapaz o ouro que a mesma trazia,
sobre si, e entendeu que em suas mãos, aquelles
trastes, teriam melhor uso, do que no pes-
coço da velha e foi por isso que acompanhou-a
até sua morada a rua dos Genipapeiros, pro-
curando entralçar relações com ella.

No outro dia abdicava o officio de ourives
e faltava ao ensaio de musico de batalhão,
para entrar de pintor em uma obra na visi-
nhança da velha, officio que só exerceu meio
dia, em quanto bispou que a mesma se diri-
gindo á venda proxima, deixou a chave na
porta e elle ponde penetrar no domicilio
alheio, abrir a arca e pôr as unhas nos alme-
jados objectos.

—Este faria honra em ser discipulo de Ro-
cambole.

—Ha de vir a ser um genio, si continuar.

—E a mulher perdeu o que era seu?

—Ora essa!

Quem tem na mão é seu dono!

—Sr. immediato!

—Prompto.

—Pegue nesta *Opinião Liberal* e leia-me
este artigo sobre os impostos, que quero
apreciar.

—Obedeço, capitão.

«O paiz arqueja sob o pezo de novos e crescentes impostos!

Como o camello do deserto, a cujo dorso deitaram carga superior, o commercio ahi jaz abatido, desinhando debaixo da carga esmagadora que o governo lhe vae lançando gradualmente.

A industria, esse simulacro de industria, é suffocado pela ferrea mão do fisco, apenas tentava ensaiar-se no paiz.

As profissões honestas e confessaveis ficaram convertidas em pretextos para extorsões fiscaes.

Nem uma dependencia do commercio, por mais ridicula que seja; nem uma industria por mais mesquinha; nem uma profissão por menos lucrativa, escapou a rede do governo.

—Falta-nos pagar o ar que respiramos e pelo mesmo preço d'agoa que bebemos.

—E, assim, todos os habitantes deste desgraçado paiz, em marcha fatal e accelerada para a miseria, maldizem o trabalho que se lhes torna maldito e sempre esteril, renegam o suor que se lhes converte em penalidade.

—No Brazil não ha trabalho que prospere, nem economias que garantam o pão da familia. Tudo é pouco para a voracidade do fisco.

—E o homem que vive do trabalho honesto, nunca passa de um jornaleiro do thesouro, um eterno tributario do funcionalismo.

Gozam as indulgencias do fisco apenas os gatunos, os agentes da policia e as meretrizes.

—Até esses venerandos mutilados, que ahi chegam dos campos da batalha, pagam impostos, sem duvida porque não se fizeram pasto dos vermes paraguayos.

—E tudo isto porque, e para que, santo Deus!?

—Porque arrastam este paiz amordaçado para os horrores da miseria e da bancarrota;

Porque um capricho louco e impotente pretende conseguir a satisfação de uma velleidade, com o sacrificio de duas nações!!

Os echos do sul marmuram-nos tristes novas dessa guerra desastrosa.

O inimigo vencido e fugitivo reage; a situação é desanimadora.

A guerra, portanto, promete ainda longo tempo de duração.

—E a continuação dessa guerra, os juros da divida publica sempre crescente; as continuas romessas de metal para o estrangeiro; os esbanjamentos, as propinas, etc., serão outros tantos motivos para a decretação de mais impostos ainda!

—E queris saber em que se gasta o sangue assim arrancado das veias da nação? .

Em corromper a imprensa estrangeira assim da Europa, como da America;

Em comprar por enormes sommas, corrompidos representantes estrangeiros, que escrevam para seus paizes, bajulações e misérias em favor do comprador;

Em satisfazer lesivos contractos de fornecimentos;

Em pagar desperdicios e fraudes;

Em pagar juros da inepta operação dos *bonds*.

Em fazer, finalmente, eleições dos filhotes e distribuir-lhes lucrativas prebendas!

—Até onde irá a paciencia deste povo?!...

—Capitão, foi ao theatro no sabbado, apreciar a *Luccia*?

—Fui.

—Eu logo vi que V. Exa., apologista como é da companhia lyrica, não perdia.

—Dizem que houve la uma grande pateada, e que chamaram o Marinangeli a scena.

—E' verdade. Cortaram aquelle dueto da dama e do tenor do final do 2.º acto, e os espectadores entenderam que deviam cantar e fizeram um barulho tal, até que cantaram o dueto.

—Muito bem,

—Alguns rapazes da plátéea cantaram, em coro, o dueto e um delles serviu de regente.

—Bravo! Não vê que esses carcamanos vem aqui mangar com o respeitavel publico, é bem feito que *levem destas*!

—Capitão, não me dirá uma eousa?

—Si souber.

—Que utilidade ha nesse burlesco apparatus, nessa ostentação parva que todos os dias se vê nesta terra?

A casa do cidadão cercada a pretexto de prisão da guarda nacional?

—Um meio compressor, uma medida de arrocho.

—Por uma simples falta da guarda nacional; sitia-se a casa do cidadão inerte, como si fôra de um criminoso, leva-se o terror ao seio de sua familia; quando a lei dá os meios para punir as faltas!

—E' um systema inqualificavel; um absurdo!

—Parece mesmo que ha gosto em empregar este luxo de força, por que, de ordinario, cercam-se as portas de individuos que andam nas ruas a todo instante sem serem presos.

—E' um ponto que deve merecer a attenção do Sr. commandante superior.

Elle que tem cortado tantos excessos deve acabar com mais este.

—Que duvida!

Si o individuo é remisso ao serviço, seja seu nome remettido a policia, a qual tem obrigação de prendel-o.

—E estou certo que apesar da repugnancia que inspira o pesado serviço da guarda nacional, ninguem deixará de se apresentar no batalhão a se expor para ser recrutado.

—A guarda nacional é um flegello em tudo e por tudo.

Alem dos meios precarios de subsistencia que encontra o artista, ainda ser constrangido a um destacamento por tempo indeterminado, e a pagar imposto da casa onde mora, do sal que compra, do azeite, da farinha, da cebola, e do bacalhau com 450 rs., que ganha por dia!

—E' um inferno! Antes viver na Turquia Asiatica.

—A Sra. Maria do Socorro, moradora ao becco do Escorrega, provou hontem que não é de graças.

E' mulherzinha que tem em sua casa um afiado punhal, por causa das duvidas.

O crioulo José Maximiano dos Reis, indo a sua casa provocal-a, dizem, dera-lhe duas bofetadas, recebendo em troco duas punhaladas da formidavel heroína.

O Sr. capitão policiador da cidade poz immediatamente cerco ao becco e o actual subdelegado da Se, com a promptidão costumada appareceu no logar. Depois dos interrogatorios usnaes, foram recolhidos o offendido ao hospital, a aggressora a prisão.

—A moralidade, a ordem publica, lucravam com a suppressão de tal becco.

—Qual! o que se sente alli é falta da acção policial.

Á PEDIDO

—Capitão conhece o *Palerma*?

—Ignoro.

—Um pobre diabo que tem sido tudo nesta vida.

—E' signal de mau indicio; praga de todo tratante em nada ter presistencia.

—Primeiro foi *aviador* d'alfandega, onde arrumou dellas e dellas na gente do commercio; por fim, inteiramente desacreditado, foi arrumar-se de cortador de boi nos *altos* dos sapateiros.

Apesar dos muitos roubos que fazia aos freguezes, a vida não lhe quadrou, e a força de muito lamber os pés de um certo carnarista foi encaixado n'um gaz de fiscalizador.

O pobre diabo alem do mais, tem uma aduella de m'enos e quando lhe apertam as caseiras dá por paus e por pedras.

N'um desses accessos a lastimavel creatura commeteu desatinos increditaveis no districto dos *penhascos*, no dia 13.

—A culpa tem quem approvou um maluco para tal logar.

—No dia 14, queria deitar a *calçada* da rua abaixo; saltou bálcoes de tabernas e invadiu o interior como si estivesse em sua casa; deu gritos e berros como si fallasse com escravos seus.

—Muito pode a paixão partidarial

—Capitão, o que me atraz aqui é pedir-lhe que mande agarrar esse insensato e o remetta para algum hospicio de alienados.

—O porão do navio não lhe agrada?

—Ora si!

—Pois então é para onde hade ir o melro!

—Pega aquelle marujo.

—E' capitão.

—Que tem isso? Agarra a besta.

.....

Quem és?

Como te chamas?

—O *Xico* e sou um *durão*.

—Sejas até o diabo que te carregue em corpo e alma.

—No frigidar dos ovos é que se vê a manteiga.

—Ah, vens para aqui com basofia!

Muxingueiro, dá uma amostra do panno a este insolente.

—Perdão, capitão, prometto portar-me humildementê.

—Ora, dize-me como é que, em logar de procurares o adiantamento da companhia, promoves o seu atrazo?

—De que maneira, Sr.?

—Com os teus modos de arrieiro, pela maneira porque tratas a quem vae de passagem.

Lembras-te do que praticastes com um *viageiro*, no dia 5, na cidade *Industrial*?

Aquillo é maneira de tratar a quem paga seu dinheiro?

Falla, tinhoso.

—Ille veio queixar-se? ha de se haver commigô.

—Não teras tempo para isso, porque o muxingueiro te fará a conta.

Além de que, vae-se reclamar á companhia para que sejas tangido, pelo gravissimo incommodo que causas aos *viageiros*, muitos dos quaes nem na meza se sentam, pelo nojo que causa tua presenca.

E na verdade é para admirar-se como é que uma empreza de tal ordem conserva em contacto com a concurrencia publica, um empregado em adiantado estado de *thysica*, que, quando abre a bocca, especie de cloaca de

quartel, é para despejar golfadas e golfadas de materia, que transtorna o estomago mais seguro; uma creatura asquerosa e deforme em quem a lepra e a tigna se denunciavam pelos caremidos sulcos, que lho assignalam as pruridas carnes.

—Que carga, me faz V. Ex., capitão, nem o vapor *Paulo Affonso* a supporta tão pesada!

—Si a companhia presar seus interesses, por dupla razão te mandará enxotar, não so pela nauseabunda presença, como pela maneira stollida e insolente com que te portas.

Fica ali para um canto, que breve serás chamado á falla.

O MEU SOFFRER.

Não é verdade que possa-se bem escrever, quando se soffre.

(CHATEAUBRIAND)

A soffrer vivo eu desde a infancia

Os revezes da sorte terrivel! . . .

Si eu contar meu soffrer a alguém

Não me crê . . . julga ser impossivel.

Desd'a hora em que a luz me foi dada,

—So tormentos, martyrios sem fim

Foi-me escripto no livro do fado;

Te punhal foi erguido p'ra mim!

Pois que ao som do primeiro vagido

Meu, a cholera d'alguém despertou;

E, p'ra o quarto, co'o punhal na dextra,

Furioso, qual louco, marchou!

Mas . . . hesita, por ver-se tolhido

Do delicto atroz praticar,

Por que viu meu irmão de joelhos,

A seus pés abraçado a chorar! . . .

Oh! que hora fatal foi aquella!!

Oh! que dia aziago em que eu vim

N'este mundo a soffrer taes torturas . . .

E, hoje, oh mãe, nem te lembrás de mim! . .

N'uma caixa envolvido em uns pannos,

Me pozeram a trote p'ra rua;

Na cabeça d'uma preta velha,

Fui levado, sem ver sol nem lua.

E, em rua bem pouco distante,

Felizmente me deram abrigo,

Duas pobres mulheres sem meios . . .

Que inda hoje uma vive comigo.

Esta, então, desvellada por mim,

Incumbiu-se de uma ama alugar;

Pois que a ingrata que me deu á luz,

Não podia ir me amamentar.

Jamais della um carinho gozei! . . .

Jamais della a benção recebi!

E, somente a mulher que criou-me

Foi a mãe que aqui conheci.

E por pobre ser esta, não pode

Me valer no meu arduo soffrer . . .

So em prantos mitiga-me a dor,
Sem poder o meu mal fenecer! . . .

Mas . . . a cruel que me deu á luz,
Como vive? mui folgadoamente . . .

Desfrutando seus bens com os outros
Filhos seus e irmãos meus, veramente.

Sem ter pena do meu soffrimento,

Que eu carpindo vou na solidão,

Desterrado dos lares paternos

Sem ao menos ter sua benção!

Oh! . . . é fera, mais fera que as feras,

Que a natura no mundo formou,

Pois so ama ao seu tigre querido . . .

E a mim? so me repudiou . . .

E' por isso que eu vivo soffrendo!! . . .

E' por isso que eu vivo exilado!

Sem ao menos ter sua benção!!

Sem ter —outra— p'ra ser respeitado.

Desde o dia dezoito de agosto (*)

Que eu supporto os revezes da sorte!

Que eu no mundo vivo a revelia,

Qual um naufrago sem sul e sem norte.

16 de julho de 1869.

J. Lauro de Azevedo.

(*) Do anno de 1834.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a folha 65 do—RO-CAMBOLE.

ANNUNCIOS

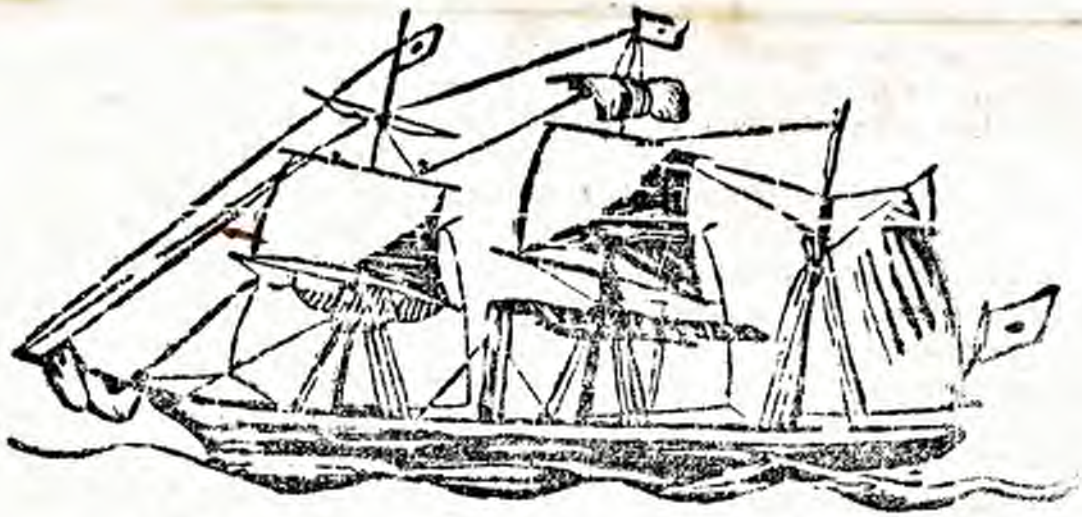
Pede-se a um capitão do batalhão 12 de guarda nacional, que appareceça na rua Direita de Palacio, em casa do Visente, alfaiate, para negocio de seu interesse.

Quem precisar de uma senhora para o serviço interior de uma casa de pequena familia, procure a rua dos Capitães n. 65.

A viuva de Vicente Joaquim de Araujo Ribeiro, continua com a sua fabrica de armação, sendo hoje a sua residencia no becco do Açouguinho. A mesma encarrega-se de qualquer armação festiva ou funebre, musicas, cera e tudo mais que preciso for: assim como obriga-se a fazer qualquer armação de enterro, offerecendo a da missa gratis, sendo correspondente ao enterro, e recebendo d'esta ultima so o importe das despesas.

Vende-se caixões em madeiras, e forrados de todos os tamanhos, no becco do Açouguinho n.º 59.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 33

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 nmeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

24 DE JULHO DE 1869.

N. 529.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
23 de julho de 1869.

Officio á administração do aceio da cidade, advertindo-a de que ha muito tempo não passa um carro da limpeza pela ladeira da Oração, motivo porque está a mesma assumindo as proporções de uma estensa montureira; pelo que torna-se de rigorosa necessidade que trate de remediar isso.

—No domingo 25 do corrente, terá lugar a inauguração da sociedade beneficente *Fraternidade Sergipana*, na casa da philarmonica Terpsychore.

Antes do acto da inauguração, celebrar-se-ha na egreja Cathedral uma missa solemne em acção de graças, á protectora da sociedade, a Immaculada Senhora da Conceição.

—Estou sciente; ja fui officialmente convidado para assistir o acto.

— O patriotico povo de Itapagipe festeja amanha o memoravel Deus de Julho.

—Em quanto existir um bahiano, onde quer que elle se ache, o dia de gloria para a Bahia hade ser sempre celebrado.

— Amanha, quando despontar a aurora, dourando com seus raios refulgentes o horizonte, e reflectir-se sobre os magestosos

oiteiros e floridas campinas que semi-cercam a aprasivel enseada, quando o sopro das auras da manha despertarem o mar dormente, o povo itapagipano se levantará coberto de entusiasmo para entoar um cantico á liberdade, commemorando as gratas e indeleveis recordações que traz a lembrança de Deus de Julho a todo coração bahiano.

—E que no decorrer do tempo volverá sempre immorredouro e cheio de galas, como soem ser os dias em que um povo conquista a sua independencia e liberdade.

—Por mais que tentem os tyrannos trucidar a liberdade, ella ha de reviver sempre no peito deste povo d'America, cujo sol ardente abrilhanta a imaginação de seus filhos e nutre em seu seio os mais elevados sentimentos.

— Não se algema o leão sem arriscar-se a vel-o despedaçar os ferros.

— Nem ha jaulas que clausurem um povo embalado pelas brizas do equador, aquecido pelo sol dos tropicos e amparado pela religião do Martyr libertador do genero humano.

—A festa do Deus de Julho em Itapagipe deve ser brilhantissima.

A facilidade de transporte por meio dos Vehiculos Economicos alliançam a concurrencia.

A amenidade do sitio garante um dia de distracção.

—O povo da capital deve pois ir abrilhantar aquelle festim patriotico.

—Que balda má desta gente!
 Contradizem a verdade conhecida por tal!
 —São dos taes que pretendem tapar o sol
 com uma peneira.

—Outro dia, tratando-se de uma *batota*, no
 arsenal de marinha, um sujeito sabiu-se na
Opinião Publica com uma *lenga-lenga* a res-
 peito de honra e probidade, sermão que não
 sei quem lhe encommendou.

—Tambem o prego não entrou sem estopa,
 ercia.

—Quando é agora, o *Diario da Bahia* con-
 firma que o inglez Jayme Taylor, recebendo
 ordenado como maquinista do vapor *Moema*,
 era ao mesmo tempo apontado na officina de
 maquinas com 400 rs. diarios.

—Uma pequena mamata; não era isso que
 levava a boia ao fundo.

—E acrescenta que o Sr. inspector teve
 de entrar para os cofres com 4000 rs. em
 razão de dar o que não podia, isto é, por exce-
 der-se de suas attribuições.

—E que mais quer V.?

Commetteu uma illegalidade, reparou-a;
 está tudo acabado.

—Está direito!

E como isso, é tudo mais.

Á PEDIDO

—Capitão, não sabe?

—O que é, homem?

—O director do *trem de paz* está atacado
 de indomavel furor.

—Va de retro.... abernuncio.... cruz!

—Não se assusto, capitão.

O homem está accoimmettido de furor,
 mas que furor?

Um furor justo, louvavel, meritorio...

—Que susto me fez V.!

—Furor economico, zelo excessivo pelos
 dinheiros publicos.

—Ah!... é uma mania como qualquer
 outra.

—E para dar provas de suas boas inten-
 ções, começou por metter o cutello em consi-
 deravel numero de trabalhadores e alguns
 operarios.

—Antes ou depois da publicação do nós
 abaixo assignado a seu favor?

—Antes.

—Está bom; por que, si fosse depois era
 motivo para os linguarudos dizerem que foi
 porque os demittidos não quizeram assignar.

—São alguns paes de familia, que ficaram
 sem pão, mas isso não desmerece o zelo
 que o homem mostra pela economia dos
 dinheiros publicos.

—Que canalha é este?

—Capitão, este maldito sarará é um mal-
 dizente. uma lingua viperina, que tomou a si
 o encargo de diffamar duas moças de irrepre-
 hensivel comportamento.

A falta dellas é não acceitarem as cran-
 tonhas amatorias da azemola.

—Qual é seu nome?

—Amelio, capitão.

—E do que vive?

—De ser creado do negociante *Catilenbra*.

—Safado! O tempo que ha de escovar as bu-
 tas de seu amo, gasta em encher de pernas
 as ruas do Pilar!

—E não vê V. Ex. um volumaço que lhe
 cresce nos bolços?

—Sim; o que é?

—Pente e sebo com que vive de continuo
 a desembaraçar as encarapinhadas teas d'a-
 ranha que lhe avultam na cabeça.

—A companhia de Vehiculos possui ex-
 cellentes escovas para isso; la se dará elle
 melhor.

—Isso quanto antes, capitão; não é justo
 que os nomes das pobres moças andem feito
 pratinho, na bocca deste biltre.

Mas, antes disso queria pedir-lhe uma
 cousa.

—Qual é?

—Que mandasse pôr a limpo a genealogia
 um pouco *turva* do casmurro.

—Encarregue-se.

—E' preciso mandar á Estancia.

—Pois va leve-o aos Vehiculos economi-
 co,sonde se lhe applicará na rebelde cabellei-
 ra, uma das infalliveis escovas com que se
 amaciam ali a pelle dos collegas; e do mais
 trataremos depois.

— Sr. José....

—Acabo de chegar de *Nazareth*.

—E vem se estabelecer no Pilar?

—Com o favor de Deus.

—Em uma immunda cocheira!

—Agrada-me bastante.

—Pagando por ella um aluguel exorbitante!

—Que remedio.

—Pois olhe; si eu fosse authoridade poli-
 cial, tinha contas com V.

—Pode me dizer a razão?

—E' obvia.

V. com familia numerosa, morando n'uma
 casa commoda, abandonal-a, para vir se met-
 ter n'um covil nojento, é mysterio.

—São cousas.

—A cousa é esta: a cocheira communica
 para o mar, com facilidade, alta noite,
 desembarca-se qualquer *grilo* e lahi para a
 bodega que V. montou defronte, é um apice.

—O Sr. tem uma penetração!...

—O seu plano é colossal.

Em seis mezes, um anno quando muito, terá adquirido uma fortuna menesmal, como tantos outros que ahi andam.

—E' preciso fazer pela vida.

—Pois, meu velhaquete, não sabes com quem fallavas; daqui mesmo seguirás para bordo do *Alabama*, e de lá serás remettido a policia para te tomar debaixo de suas vistas.

(*Continua.*)

CONVITE.

Os jovens da rua dos Artistas, ou becco do Funil, no Barbalho, convidam o publico d'esta capital a tomar parte nos festejos do glorioso Dia Dous de Julho, que costumam fazer no dia 25 do corrente sempre com grande pompa.

Nenhum brasileiro, por certo, se recusará accudir a tão patriotico chamado.

As glorias patrias mais uma vez vão ser lembradas, os brazões nacionaes mais uma vez tem de ser cantados e glorificados!

A mocidade cheia de si, convida o povo a tomar parte no banquete nacional, a fim de ficar sciente de que um povo de heroes, tem por dever sustentar as glorias de seus paes, assim como supportar ou chorar as miserias da patria!

Avante, pois, Bahianos, ao Barbalho!

Ahi tambem jaz enterrada a ossada dos nossos libertadores, aquelle campo tambem banhou-se no sangue nos livres!

O AMOR CONSULAR PARDALESCO OU O DEVASO GALLEGO PIGMEU.

SCENA I.

.....
—Minha senhora, eis-me á seus pés, eu lhe posso fazer feliz, porque muito tenho adquirido na terra das arvores das patacas!

—Senhor, eu sou uma mulher casada e o senhor tambem é casado.

Ahi quem sabe á essa hora que scena estará se passando em sua casa! Assim como o senhor quer que eu seja infiel a meu marido, outro quererá que sua esposa tambem o seja para o senhor.

—Oh!... Nem pensar n'isso é bom, minha senhora!

Quem é que ousará a isso? Si atguem se atrevesse a fazer a corte a minha mulher, eu... eu....

—O que fazia o senhor consul?

—Matal-o-ia, e.....

—Basta, senhor consul, mudemos de conversa.

—Sim, mudemos de conversa.

Minha senhora, amo-a, amo-a muito! Consinta que beije essas delicadas mãos!

—Ai.... O senhor é um insolente!

—Desculpe, minha senhora; amo-a, e por tanto

—E por tanto, o senhor é um refinadissimo pardal.

—Serei tudo quanto quizer; mas deixe-me beijal-a... e....

—Ui.... Atrevid! ousas assim abasar da fraqueza de uma mulher?

.....
—Ahi vem gente, silencio!

SCENA II.

—Pá... pá... pá... pá...

—Quem está?

—Sou eu.

—Eu quem?

—O caixeiro que vem avisar a senhora *Barata* para o ensaio.

—Oh! o senhor pode entrar e sentar-se, mas ella não lhe pode fallar, porque está dormindo.

—O senhor é creado da senhora *Barata*?

—Creado! Eu sou o consul dos gallegos, interino dos *lazaronis* e dos estados que se *unem*.

—E' um homem grande o senhor!

Não tome por offensa chamal-o grande, quando è um pigmeu.

—Não... não. Mas já que nos entendemos, diga que a senhora *Barata* está doente e não pode ir ao ensaio.

—A' suas ordens, senhor,

Agora vou cantarolar

Uma eousinha bonita

P'ra *Barata* apreciar:

«A *Barata* está em casa

«Com o consul á se divertir,

«Julgando o ensaio encommodo,

«Prefere antes ir dormir!

«Tralará, tralará,

«Tambem sua santa Eva

«Corte aos maganos fará?

«Tralará, tralará,

A *Barata* está dormindo,

«Qui... qui... qui... cá... cá... cá...»

VARIEDADES

O REI DO PONTO.

Mithridates, Rei do *Ponto*, fez celebre o seu nome pelas batalhas que deu a favor de *Sinalefa*, regente do reino das *Retencencias* o contra o Imperador *K Grego*, estomacal inimigo daquella rainha.

Originou-se a protecção do rei do *Ponto*,

do amor que consagrava á *Virgula*, filha unica da sua protegida, o herdeira do throno das *Reticencias*, throno que por direito de legitimidade lhe pertencia; mas que K Grego, sem outros titulos mais do que os da ambicção, procurava usurpar.

Corria pois o anno de *pataca e meia* (180), haviam-se já passado seis luas que *Sinalefa* não era inquietada por seu inimigo, quando no vigesimo quarto dia do mez em que o sol entra em Lé, foi ella de repente acometida por K Grego, que veio de novo por o reiao das *Reticencias* em estado de conflagração!..

A' paz succede a guerra: o alarma são, todos, enfim, pegam em armas para oppor forte resistencia a K Grego, que ja se achava as *ju-nellas* da cidade!..

Neste entretanto o rei do *Ponto*, que acabava de *finalisar uma oração*, ao saber do successo, corre com um grande numero de tropas a proteger *Sinalefa*. Por felicidade, chegou a tempo, e travando luta com K Grego o pôe fora do combate. O imperador logo que se via perdido, tirou as botas e fugiu vergonhosamente como seu exercito composto na maior parte de *Dithongos*, que, apesar de serem soldados valentes, tiveram de ceder o campo as soberbas *Divisões* do rei do *Ponto*, parte das quaes eram commandadas pelo general *Til*, que nesta pelega muito se distinguia.

Victoria!.. Victoria!.. São os gritos que soam de toda a parte!

O rei do *Ponto* é levado em triumpho pelas ruas da cidade, e entra na cõrte das *Reticencias* acompanhado de grande numero de povo! Homens, mulheres e meninos saltam vivas entusiastico prazer.

Sinalefa recebe o heroe em palacio, e n'um transporte de alegria, apresentando-o a *Virgula*, exclamou com uma voz cujo *Accento agudo* manifestava a commoção de que se achava possuida e o desejo que tinha de que fosse ouvida por toda a cõrte: — Eis aqui, ó minha filha, o salvador do teu throno, curvate e agradece-lhe!..

— Que fazeis, Sra.?.. disse-lhe *Mithridates* com uma voz cujo *Accento grave* revelava o abalo que nesse momento soffrera su'alma: eu não fiz mais do que o meu dever... sim... porque amo a vossa filha e... prescindindo de etiquetas vans peço-vos a sua mão; si consentirdes, *Virgula* será minha esposa.

Sinalefa, no maior auge de prazer, não pôde pronunciar palavra; lagrimas de contanto correram de seus olhos: ellas declararam o seu consentimento

A alegria foi geral, tanto que a cõrte em peso nessa occasião dirigio-se a cumprimen-

tar os tres soberanos. As baronezas *A, E, I, O, U, Y*, aias do *Virgula*, foram as primeiras, seguindo-se logo as filhas *B, C, D, F, G, H, J, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, X, Z*; depois das quaes, foram os officiaes generaes 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, faltando somente o almirante *Cifrão* e sua senhora *Cifra*, que não estavam presentes; aquelle por se achar doente de um calcanhar, e esta de hemorroidos.

Virgula agradeceu todos os cumprimentos, sorrindo-se sempre, e olhando de vez em quando para sua mãe e para o rei do *Ponto*.

Quinze dias depois, a 8 do mez em que o sol entra em *Virgo*, celebrava-se na igreja dos frades *Asteriscos* um casamento. O templo achava-se apinhado de immenso povo.

Final a cerimonia, viu-se sahir o par ditoso, seguido de um acompanhamento nunca visto! Os desposados iam entre *Parenthesis* de uma cõrte numerosissima composta de *Interrogações* e *Apices*, á lalga da primeira nobreza; o bispo das *Admirações* ia ao lado do rei do *Ponto*: numerooso concurso de homens, mulheres e meninos precediam a cõrte.

Da igreja ao palacio de *Sinalefa* via-se uma thei *ad hoc* feita para dar passagem aos noivos.

A' cerimonia não compareceu *Sinalefa* por achar-se doente de um tieo doloroso na ventra esquerda; mas ansiosa os esperava em palacio; logo, porém, que chegaram, *Sinalefa* ao avistal-os, corre a elles banhada em lagrimas de prazer, e esqueceu-lo-se da gravidade do acto e das formalidades da realteza, e só dando ouvidos aos ternos sentimentos de mãe, gritou: — Vinde a meus braços, *Ponto* e *Virgula*!..

E cabiu desmaiada n'um *Accento circumflexo*, que se achava perto do *Sup'riór* do convento de S. *Fidelis* da *Boa Morte*.

Os circunstantes correram a soccorrel-a.

No anno seguinte, 19 do mez em que o sol se exalta em *Capricornio*, annunciava-se ao povo o nascimento de *Dous Pontos*: eram dous principes gêmeos, fructos do amor de *Ponto* e *Virgula*!

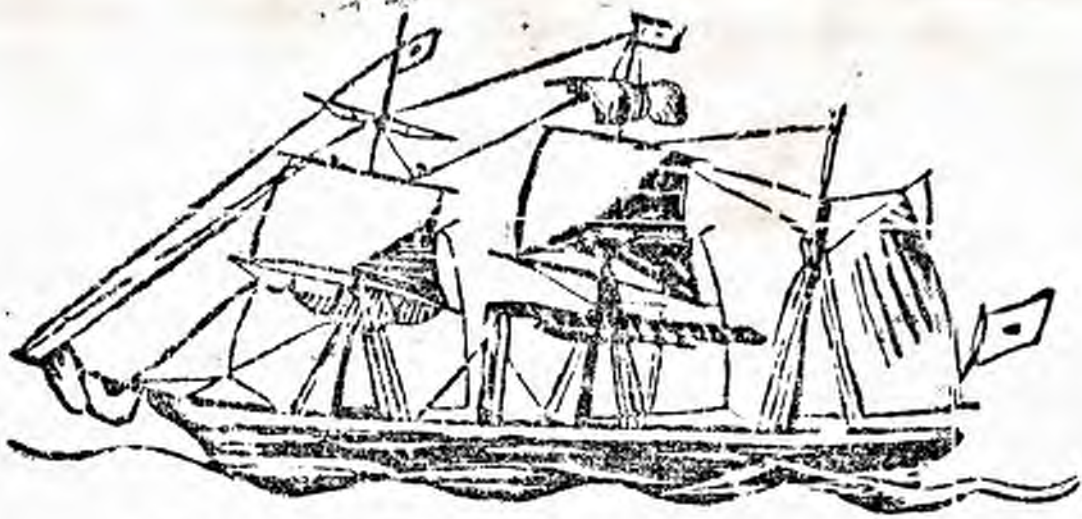
E acabou-se a historia: entrou por uma porta, sahiu por outra, mata la el-rei meu senhor, que contém outra.

L de J. Antonio.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 66 e 67 do — RO-CAMBOLE.

Typ. de *Marques, Aristides e C.*



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 34

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

28 DE JULHO DE 1869.

Ns. 530 e 531.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
27 de julho de 1869.

Officio á Illma. camara municipal, observando-lhe a crueldade com que procede para com seus municipes, principalmente com os cegos e alijados, consentindo aberto um enorme buraco na baixa da ladeira dos Perdões; semelhante crueldade attinge ao requinte, em consequencia de conservarem a superficie do referido buraco coberta de terra, de sorte que desapercébidamente pisa-se naquella especie de fosso e vae-se medir-lhe o abysmo sem querer.

Espera-se que a Illma. se mostrará pressurosa em acabar com semelhante inconveniente.

—Ao Illm. Sr. Br. chefe de policia, comunicando-lhe que de alguns moradores da rua Nova do Commercio chegam-nos a queixa de que, no 3.º andar da casa n.º 22, uma mulher, de cor parda, é rigorosamente espancada por um africano á mandado de seu senhor. Pede-se a S. S. que mande examinar si com effeito essa infeliz é maltratada com o rigorismo que se diz, e no caso de ser, dê as providencias a seu alcance.

—Mulheres sem charidade são as irmans de charidade!

—Affectando uma humilidade ridicula, cruzam as ruas de olhos fitos no chão, com um grosso rosario dependurado, murmurando sempre por entre os dentes *um não sei que* com ares de oração.

—*Babugens* da sociedade europea, refugos que o mundo abandona, enconham se n'um habito, que encobre muita cousa, e transportam-se a estas plagas lançando olhares vesgos de inveja, ardentes pela fome canina de ouro, sobre este pobre Brasil, onde vão plantando o dominio da estupidez e da superstição.

—Assim como a agua estagnada e podre apresenta uma superficie calma e pacifica, tambem ellas encobrem com riso singelo, com a candidez do rosto, as ideias sinistras que lhe reservem na mente.

—Entretanto transponha alguém o recinto desse simulacro chamado hospital de charidade, dirigido pelas irmans de charidade, e pasmem ante o quadro de horrores e miserias que se lhe deparará aos olhos.

Penetre na cosinha dos doentes e verá quanta deshumanidade, quanta porcarias. Um mesquinho pedaço de pessima carne cheia de nervos, passada no fogo, é o que se chama mantinhas alli; metade de uma gallinha coberta de penugem a ferver n'um caldeirão com agoa e sal para caldos de substancia, as tripas dessa gallinha misturadas com moxibas de carne, é ensopado;.... pergunte que folhas são umas que reseccam ao sol, e lhe hão de responder que são as folhas do chá de hontem, para o chá de amanha!

Deixe essas miserias, vá ás enfermarias, chegue aos leitos dos enfermos, observe-lhes os olhares moribundos, sonda-lhes o bater do coração e verá que a morte se approxima. E c desditoso enfermo expira abandonado, sem que uma caridosa mulher lhe accenda uma vella, sem que lhe mostre um Crucifixo, sem que lhe diga uma palavra de consolação ao menos.

—Como se profana a religião e a charidade!

Como se zomba assim da humanidade!

—Do que serve a sumptuosa ostentação que apresentam no dia da visita franqueada ao publico, si no hospital de charidade morre-se á mingoa, morre-se de horror, morre-se assombrado?

—Para que o accio do soalho, si um colchão immundo, emmaterado, serve para dez e doze doentes; si o espolio do que fallece é sordidamente aproveitado?

—Como tratam as irmans de charidade aos infelizes doudos?

Obrigando os a duros e pesados trabalhos, flagellando com martyrisantes castigos aos que nas horas de accessos se negam ao jugo do trabalho.

Isto é charidade? Isto é humanidade?

—Ainda na sexta feira, eram 5 horas, dous desgraçados destes eram obrigados a carregar pelas ruas uma pesada grade de ferro que lhes enterrava o pesçoço no corpo.

—E chamam a essas mulheres piedosas, boas, benignas, pacientes!

—Pode haver maior crueldade do que obrigar a um doente, em convalescença, a grosseiros e insuportaveis trabalhos?

—Não, de certo.

—Entretanto estas mulheres que isso praticam passam por charidosas e santas.

«—Esmola para Nossa Senhora do....

«—Traz a licença?

«—Quem é o senhor?

«—Sou o fiscal.

«—Ah, o senhor é o fiscal?... Mas eu não trago licença.

«—Não traz? Deixe la ver a bolça das esmolos.

«—Tem pouco.

«—Tudo serve. Venha para cá isso. E' a multa por não trazer licença. Agora vá se arranjar.»

—Observou aquelle passo?

—Todo.

—Ora diga-me: qual será o especulador que se recusará a dar um tanto ao fiscal com tanto que elle o deixe desembaraçado?...

—Capitão, conhece o actual subdelegado da freguezia da Penha?

—A razão porque me faz esta pergunta?

—Porque julgava que elle distribue justiça com egualdade, e não fosse, como é, parcial e arbitrario.

—Eu estou convencido do contrario, pelo que faço lhe justiça, quer no character de authoridade, quer no character de homem de bem.

—Então, vou lhe orientar do que passou-se no domingo á noite no palanque de Itapagipe.

—Vamos com isso.

—O subdelegado deu ordem ao sentinella do palanque que não deixasse subir pessoa alguma, sinão depois que se desencerrasse a effigie de S. M. o imperador; mas quando via algum amigo, correligionario politico, mandava que o sentinella lhe franqueasse a entrada.

—De maneira que era franqueada a entrada aos do seu creado e vedada para os que não o são?

Pois olhe eu fazia uma ideia muito favoravel á elle como authoridade; mas em vista disto fico descrendo do tal subdelegado.

—Isto é para V. Ex. ver o quanto pode a prepotencia!

—Oh! meu Deus! Creia-se nos politicos de minha terra!

—Capitão, não sabe nada a respeito do resultado do desfalque do cofre Monte-Pio dos Artifices?

—Sei que a sociedade nomeou uma commissão de inquerito, e que esta concluiu o parecer que deu pedindo que se exonerasse os oito membros do conselho, suspendesse o presidente, e sollicitasse do governo da provincia a demissão d'elle, escolhendo o governo um outro para presidil-a, dentre os que fossem novamente eleitos.

—E a sociedade approvou o parecer da commissão?

—Approvou, elegendo logo nove membros para o novo conselho, e ja foi para o governo o officio sollicitando a demissão do presidente e pedindo a nomeação do outro d'entre os novos eleitos.

—E o governo ja tomou alguma providencia a respeito?

—Qual; o officio foi desde terça-feira, 20, e até hoje nada.

—De sorte que a sociedade está entregue ás baratas.

—Si esteve entregue ao rato, não faz mal que agora fique ás baratas!

—Me parece que o governo primeiro está

tendo os estatutos, estudando, para poder obrar.

—E a obra será mais cheirosa, *coma V.* saberá.

—Ja V. Ex. vem com pilherias!

—Mas, que quer; é necessario o sal para a comida ter graça.

Ao menos, quando V. chegar em casa ja tem sal para temperar sua panella.

—Xô! Temos conversado, o negocio ja passa á pulha!

—Bem empulhado que ficou o cofre do Monte-Pio.

—O bispo de Roma, por intermedio do seu vigario geral, acaba de fazer reviver as disposições canonicas de Pio V. e Bento XIII, pelas quaes devem os medicos abandonar, sob pena de excommunhão maior, o enfermo que depois de tres dias da molestia não chamar confessor.

—E' a intolerancia religiosa descarnada.

—O fanatismo clerical comprimindo as consciencias para devassar-lhe os segredos.

—Abandonar no leito da dor o enfermo que em tres dias não patentear suas faltas a um padre!

—Que muitas vezes sahe dalli e vae pro-palal as.

—E o Sr. arcebispo, para maior gloria de Deus devia mandar pôr tambem em execução aqui a seguinte medida da Constituição do Arcebispo, sob n.º 160.

« Como muitas vezes a enfermidade do corpo procede de estar a alma enferma com o peccado (como se prova das palavras que Christo Senhor Nosso disse ao paralitico) conformando-nos com a disposição do direito e constituição do Papa o santo Pio V. mandamos a todos os medicos e cirurgiões e ainda barbeiros que curam os enfermos nas freguezias onde não ha medicos, sob pena de cinco cruzados para as obras pias e meirinho geral, e das mais penas de direito, que indo visitar algum enfermo (não sendo a doença leve) antes que lhe applicquem medicina para o corpo, tratem primeiro da medicina da alma, admoestando a todos a que logo se confessem, declarando lhes que se assim o não fizerem, os NAÕ PODEM VISITAR E CURAR, por lhes estar prohibido por direito e por esta Constituição, de tal sorte que entendam que esta admoestação se lhe faz por bem da saude da alma e do corpo; e no segundo dia os tornarão admoestar; e si ao terceiro lhes não constar que estão confessados, OS NAÕ VISITEM MAIS, SOB AS MESMAS PENAS.»

—E teriamos de ver doentes abandonados por todos os medicos.

—E a inquisição plantada no seio das familias!

—Ah hypocritas! phariseus!

—Capitão, o dia 25 assignalou-se por um facto cujos resultados em prol do aperfei-

çoamento humano deve provocar os applausos dos corações generosos, como ideia civilisadora, propria deste seculo de illustração e progresso.

—Quer fallar da *Fraternidade Sergipana*, não?

—Sim, Sr. Assistiu?

— Pois não.

«Amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei,» é a doutrina sublime ensinada pelo Divino Legislador que a *Fraternidade Sergipana* se propõe a realizar.

—E possa ella cumprir-a isempta de tropeços e embaraços.

— Ora isto!

Um acontecimento que devia inspirar commiseração, serve antes de galhofa!

—E' a depravação que lavra!

—Ver um pobre homem, velho, alquebrado pela molestia, estendido no chão, sem se poder levantar e em lugar de soccorrel-o, rir-se do mal que lhe aconteceu!... em vez de perseguir o causador do damno, applaudil-o, só desta terra!

—E os proprios agentes da força publica, são os que reprehensivelmente assim praticam!

—Aquelle homem chama-se Cypriano Francisco Guimarães, é official de justiça do tribunal do commercio, está ás portas da morte, como vê, é mais um cadaver que outra cousa; só a necessidade o obriga a sahir á rua, doente como está.

—Si a policia prohibisse os cavallos desferrados, para montaria dentro da cidade, estava elle livre de levar tamanho tombo daquelle desasado cavalleiro e ficar espi-chado na calçada, com o corpo contuso e moído.

—E para augmentar a afflicção ao afflicto servir ainda de risota aos ordenanças de palacio.

—Capitão, ouça que blasphemia:

«Salve o dia 2 de julho de 1825!

«Salve o dia 16 de julho de 1853!

«Quem poderá dizer qual destes dous dias é mais charo aos brasileiros?»

—Que heresia, meu Deus!

Quem disse isto?

—O *Jornal da Bahia* de sabbado, em uma correspondencia dos Lençoes.

—A que cegueira conduz a paixão partidaria o homem!

—Capitão, li agora um facto na *Gazette des Tribunaux*, de Paris que arrepiou-me.

—Pavoroso?

—Demais.

—Repita.

—Um official da Romania, filho do um sacerdote da religião grega, que ha quatro annos não tinha visto seus paes, obteve ultimamente uma licença, que resolveu gosar entre sua familia.

Na viagem, parou n'uma estalagem, cujo proprietario, sabendo que elle desejava passar a noite em sua casa, dissuadiu-o disso, dizendo-lho que, si soubessem que um estrangeiro dormia na ostalagem, onde geralmente ninguem se hospedava de noute, não deixariam os salteadores, muito numerosos no paiz, de fazer das suas.

O joven official hesitou algum tempo; mas fiando-se no seu revolver e na sua espada, ficou. Alem d'isso, pensou elle, si o paiz está assim enfestado de ladroes, quer parta, quer fique, corro os mesmos perigos. Deram-lhe uma sala que dizia para o campo; embarcou-se o melhor que pôde, deitou-se vestido na cama e adormeceu promptamente.

Alta noute, o official despertou. Alguem tentava arrombar a porta da sua sala. Saltou da cama, armou-se com a espada e o revolver, e esperou. A fechadura resistiu. Uma das pessoas que estava de fora passou a mão por um buraco da porta para desaniar a chave. Mas o official, brandindo a sua espada, cortou esta mão de um so golpe. Este contra-tempo desanimou os malfeteiros que se retiraram. O official, receiando que elles voltassem em maior numero e convencido da cumplicidade do estalajadeiro, saltou pela janella, montou no seu cavallo que foi buscar a cavallariça e affastou-se a todo o galope; levando, comtudo, a mão cortada do bandido.

No dia seguinte chegou á casa de seu pae, que achou na cama e doente; tinha-se ferido gravemente na mão disse elle, e fôra preciso amputal-a. O official quiz ver o braço do pae, e qual não foi o seu horror quando verificou que a mão que tinha cortado e trazido consigo era a de seu pae! Sem dizer palavra, lançou a mão sobre a cama d'este; este comprehendeu que a quem quizera roubar e assassinar na noute antecedente era seu proprio filho; mas comprehendeu tambem que elle sabia tudo.

Desde então só teve um pensamento: matar o filho. Muito fraco para realizar só este abominavel projecto, ordenou á sua mulher sobre a qual tinha grande ascendente que o ajudasse. O crime foi combinado para a noute seguinte.

Felizmente, uma filha d'estes dous monstros, que contava apenas sete annos, avisou seu irmão, que fugiu.

O official foi descobrir tudo a justiça, e tanto o sacerdote como sua mulher foram presos.

Á PEDIDO

—Muxingueiro!

—Prompto!

—Enseba bem o teu calabrote, que tens hoje o que fazer.

—Estou sempre prevenido, capitão.

—Vae te pôr na ladeira dos paparratos, á espera de um birbante, especie de yaya *Mariquinhas*, sujeito que anda envolvido em reedificações.

—Parece-me que o estou vendo; mas no caso que eu não accerte, pedirei ao administrador das obras do Sr. Adães informações.

—E' bem lembrado. Ha de conhecê-lo, visto que labuta na mesma vida.

—Mas sim, logo que eu o aviste, o que devo fazer?

—Esperar que elle comece em sua desa-

vergonhada mania de querer namorar a todas as moças da rua.

—Que bregeiro! Quer abarcar o mundo.

—Não se contenta com uma aparralhada moça, que lhe assiste as estupidas monices bestias; quer levar de fio a pavio a rua inteira com escandalos e depravações.

—Ha de se haver comigo.

—E' na hora em que elle cynicamente se puzer a offerecer beijos e abraços, que deves de improviso apparecer e metter-lhe em cheio a taca na cara para tomar brio. E si o bruto recalcitrar, tral-o-has para bordo e lhe applicas um confortavel clyster de abobora.

—Deixe estar, capitão, V. Ex. ha de ver como eu executo a cousa.

—Capitão, V. ex. tem certos collegas que não merecem a honra de o serem.

—Eu o creio; mas, alguma nova gentileza?

—Não é nova, pois ella data de algum tempo e, o que é mais, por ser muito repetida, urge que V. Ex. applique-lhe o correctivo.

—Resuma isso; não gosto dos prologos.

—Sou um negociante, que tem a infelicidade de embarcar constantemente no *barco sem velas* que é commandado por um capitão que, á todo custo, quer passar por *durão*; tenho soffido e visto os mais passageiros, que não são do peito, soffrer toda casta de desafortos praticados por esse bruto que, pela sua grosseria e brutalidade, já foi uma vez despedido por seus amos.

—Mas, enfim, o que faz elle?

—Esbarra os carregadores; até tem ameaçado collocar no *portaló* dous marinheiros de pau de vassoura para tosar aquelles que dão lucro á seus amos.

—Esse bruto será das mattas de *Valença* ou das fragoas da cachocira de *Pátulo Affonso*?

—Ignore, capitão.

—Bem; isso é o menos; vou entender-me com o inglez, que dirige os trabalhos da companhia; elle é mui delicado e cavalheiro; hade dar providencias.

—Assim o espero, capitão; e ficar-lhe-ha muito obrigado este

Infeliz carregador.

CONVERSA ENTRE TRES.

«Não sou capitão do matto,
«Para prender quilombola,
Disse o duque timorato;
Largou tudo e deu a solta.

Diz o sogro ao genro agora!
«Vae ser capitão do matto;
«Si o Paraguay te namora;
«Serás general de facto.

Vae, meu filho, a fama tua
Do tigre a furia esmoreça.

«Manda o Solano a tabúa,
«L'õõ a corõa na cabeça!

«O Paraguay hoje em dia,
«Conquistado com dinheiro,
«Representa — mon-rehia,
«Ouro e sangue brasileiro.

«O Brazil é de Bragança,
«Por direito de conquista,
«Por conta de tua herança,
«Dou-te o Paraguay á vista:

«Montevideu, Buenos-Ayres,
«Nada têm á ver com isto,
«Nem pode mostrar pezares,
«Serás feliz — está visto.

O poro por sua vez,
Vendo o ajuste entre os divinos;
Exclama com candidez,
«Meu Deus! Quantos desatinos!

«Interferencia no Prata!!
«E feitas por estes trez!!
«Só no inferno se desata.
«Foi o diabo que a fez.

SEVERO.

(Continuação)

—De pouco se admira meu capitão; veja agora o terceiro ponto que é de chupeta, e capaz de por o queixo a banda, de qualquer que tenha o queixo duro.

O Mellorio para subtrahir-se á pena de subregados diz que não avaliou um escravo, por que seu cunhado, Sr. do dito escravo, dizia, que elle era forro, ou que o havia de forrar, concluindo d'ahi o Mellorio; que tendo morrido o cunhado, o escravo deverá ser considerado forro, e acrescenta, que todos os herdeiros do casal tinham disso sciencia.

—Ora meu capitão, não quer ver o diabo como é sujo, e o Mellorio como é triste? por que sem a menor cerimonia irroga um facto criminoso a seus dous cunhados, que são membros de sua tripeça, ou firma social, por que, si elles sabiam que esse escravo era forro, não deviam propor que se vendesse um homem livre, instando para que, em beneficio do casal, se vendesse esse escravo ao governo para o exercito.

Muito bem meu rapaz, tenho gostado de ouvir-o, e si o tal escravo, conforme diz o Mellorio, é forro, nada ha mais simples do que elle apresentar a sua carta de liberdade, e não o fazendo — adeus minhas encomendas — pois que não passa isso de mais uma esperteza do Mellorio.

—Sim Sr., meu capitão, apoiado, apoiadissimo.

Sem duvida V. Exa. hade estar admirado de eu chamar o frade da mão furada frei Fifina, pois isso não é meu; assim elle era conhecido, e tratado em uma terra aonde esteve, sem duvida por algum acto de morali-

dade por elle praticado com alguma Fifina; e quanto ao odio que me tem o Sr. Mellorio, é por que eu tive a franqueza de lhe narrar o facto da filha, e da viuva, que como ja lho disse, me foi contado pela D. Anna, e pela Candinha; e como elle gosta somente de ouvir historias alegres, que peça ao — P..... Agostinho, que lhe conte aquella da onça que todas as noites lambia a ovelha, ou a do capão de pintos que deixava o morcego chupar o sangue da franga, representando o triste papel de — Mandú de bom acomodar, que pega na cabra, p'ra outro mamar agora, si a zanga é por lhe ter posto á calva á mostra, eu lhe aconselho um bom remedio, e vem a ser que procure o cabellereiro Castrinho que lhe faça alguma cabelleira, como aquellas que elle costuma pentear, e então o Mellorio com essa cabelleira, penteada pelo cabellereiro Castrinho, representari de moço, e ficará ainda mais querido de sua Dulcinéa, por ver que o Mellorio é dotado de bom genio, e de bom coração, dando dinheiro a ganhar a um artista nacional.

Meu capitão, sabe que mais? isto hoje ja vae cheirando a massada, por tanto está fechada a sessão.

(Continua.)

O MUNDO E A ADULAÇÃO.

(FOLHAS CAHIDAS.)

Dizem que o mundo é gostoso
P'ra quem n'elle come bem,
Outros dizem que não tem
Gosto nenhum sabroso;
Eu consulto ao destitudo
Para não ser caloteiro,
Mas aconselho-o ligeiro
Para ser adulator...
Do contrario é jogador,
E' mau por não ter dinheiro.

Eu não sei onde ha então
Tanta bondade e grandeza,
Quando a propria natureza
Não dá tanta distincção,
O que digo, com razão,
Sem ter conselho de alguém,
—E' que, a não adular bem,
—Deve tinir a algibeira;—
Do contrario é uma asneira,
Nada goza sem vintem.

A's vezes vemos um pobre,
Que é branco por qualidade,
E' feliz por ter bondade,
Mas negro por não ser nobre!
No bolso não tem o cobre
Que o illustre mesmo um tico;
Todos o chamão de mico.

Por ser feio de feição...
 Será isso a distincção
 Que lhe dão por não ser rico?!
 Porque é que em ricas salas,
 Em grandiosos salões,
 Se encontra mil figurões
 Que trajam do luxo as galas?
 Será no calor das fallas
 Toda verdade fallada?
 Será também confirmada
 Toda a amizade em grandeza?
 Vejam bem! é a RIQUEZA
 Que se torna festejada!...

E' verdade! E' a riqueza
 Que mais se ergue á ambição.
 E' á ella, aos pés ao chão.
 Que cahe a triste pobreza...
 Mas com cruenta aspereza
 Ergue o braço o potentado,
 Que orgulhoso em seu biado
 Diz:—irmão, nada hoje tenho, —
 E só com soberbo empenho,
 Festeja o cofre doirado!

Será isso a distincção,
 Que a natureza concede
 Ao Job que triste pede,
 Ao rico estendendo a mão?
 Será isso ter brazão?
 (Ter uma gloria sem dó!!)
 Vendo o pobre, triste, e só,
 Implorar com paciencia!?
 Té que a mão da Omnipotencia
 Reduza a riqueza em pó?!!

Isto, é que é ser bondoso?
 Ter bom peito e coração?
 Quando é máo pela ambição,
 Sendo ente ambicioso?!
 Oh! mundo mau, enganoso!
 Só queres—ADULAÇÃO!—
 O ricoço em seu salão
 Só festeja á homens nobres...
 Porém, morrem ricos, pobres,
 Eis a geral distincção.

Oh! mundo de enganos cheio!
 Oh! mundo de mil delirios!
 Oh! theatro de martyrios!
 Oh! palco de falso enleio!
 Já não se affaga em teu seio
 O pobre por condicção!
 Tu so és a habitação
 De quem tem cofres doirados...
 E ai! daquelles coitados,
 Que não toem adulação.

Tancredo.

QUE DESFRUCTAVEL!

«Ella não devia se casar com elle por ser mulato e ter o cabello de sarará, e sim comigo

que sou branco, bonito e tenho cabello bom como ninguem!»

Assim, dizia um tolo, que por algum tempo andou dando desfructes nas Portas do Carmo, depois no monturo de S. Francisco, e não obstante todas estas zumbaias, a moça pregou-lhe a taboca pelos seguintes motivos:

1.º por ser um improvisado academico, quando deixava o logar de cascabulho chronico.

2.º por ser mulato ensuado e filho de traz da porta da rua.

3.º por fazer o mesmo que tambor faz á soldado.

4.º por andar diffamando um academico, em virtude deste repellir o pelintra namora-dor nas escadas d'um sobrado, etc., etc., etc.

Continue a passar na porta de quem dará a ler no seguinte numero as parvoices do co-sinheiro gigante.

Villaca.

O AMOR CONSULAR PARDALESCO OU O DEVASSO GALLEGO PIGMEU.

(Continuação do n.º 529.)

SCENA III.

.....
 —Sou uma mulher infeliz, sou a mais desgraçada das esposas!

Oh! meu Deus! com que cara eu hei de apresentar-me aos olhos de meu marido!...

—Dá licença, minha senhora?

—Pode entrar, senhor consul.

—Vejo-a tão encommoada, accaso alguem ousaria offendel-a?

—Offender-me! Quem será zapaz do offender á uma fraca mulher como eu, distante de seu marido, de seus paes e de sua patria!

—Talvez que algum insolente, não podendo...

—Oh! oh! basta, senhor consul.

—Mas, o que tem, meu anjo, diga; aqui estou a seus pés.

—Levante-se, senhor. E' uma covardia no homem pôr-se de joelhos diante de uma mulher; os joelhos dos homens independentes e honrados só se devem curvar a Deus, isto é, d'aquelles homens que não seduzem mulheres, d'aquelles homens que, vellando por sua honra não contribuem para que a dos outros seja mareada!

—Não sei o que quer dizer este calendario de palavras! Não comprehendo!

—Mas entende?

—Peior.

—Pois bem; já que não me entende, vou me fazer entendida. Depois d'aquelle hora infernal...

—Não... não; hora feliz, hora em que completamos nosso amor...

—...senti uma nuvem passar-me pela vista. Já comprehende?

—É que a senhora está...

—...prestes a ser mãe, mãe de um filho incesto, filho do crime, senhor consul! Entende agora?

—Que ouço, meu Deus!...

—E como, senhor consul, hei de apresentar-me diante d'aquelle a quem despozei?

—Fique aqui na terra da arvore das patacas, terra onde se *aninham* todas as aves de arribação e deixe seu marido. Olhe, elle estimará bastante por se ver *Fvre do fardo!*

—Ja sou *fardo*, senhor consul! Com mais razão o senhor me chamará de *fardo*, si annuir a seu pedido, tornando-me, como já sou, sua amante, porque meu marido, nunca pronunciará semelhante palavra!

O senhor tem razão de assim o dizer, por que eu sou uma mulher desgraçada, uma esposa infiel, uma esposa adúltera, uma... amaldiçoada!...

—E essa! Eu um homem casado, com uma mulher desmaiada em meus braços!

Aeulam... aeulam... senhora *Barata*, senhora *Barata!*

Si entra agora alguma pessoa e me encontrar nesta scena, ha de ser bonito!...

Senhora *Barata*, minha querida *Baratinha!*

SCENA IV.-

—Olé! O consul com a *Barata* desmaiada nos braços! E essa...

—Oh! diabo! Ahi tem gente.

—Então, *mio caro signor*, está representando alguma comedia?

—Retire-se bruto!

—Bruto é elle, grandississimo gallego, uaroto d'uma figa....

—Que queres aqui?

—Venho avisar a senhora *Barata* para ir ao ensaio, não sabe que eu sou o caixeiro do theatro?

—Qual theatro?

—Do theatro de *Latronopolis*, e não por certo d'esse ridiculo theatro que estás aqui á representar, abusando da fraqueza d'essa mulher, á quem fizestes esquecer os sagrados deveres de fidelidade conjugal, em logar de vellares por tua honra, que alguns de teus *intimos* procura marear....

—Insolente!

—Ah! pensas então que eu não sei de tudo; pensas que não estava ahi na porta e não te vi desde que aqui entrastes; que não sei que ella está prestes a ser mãe? Estás enganado comigo *gallegorum!*....

—Ah! senhor consul que é isto, quem é que está ahi a fallar tanto?

—É o imprudente caixeiro do theatro que veio avisal-a para o ensaio.

—Sou eu, minha senhora, que tenho a honra de trocar algumas palavras com esse atrevido consul.....

—Tenha paciencia, eu não posso ir ao ensaio, porque estou doente. Este senhor consul....

—.... é o pae de seu filho, minha senhora! Adeus.

Adeus, gallego atrevido,

Que eu te hei de ensinar,

Quando encontrar te na rua,

Tocarei p'ra tu dansar!....

VARIEDADES

Uma menina perguntou a sua mãe o que significava a palavra hermaphrodita, ao que esta respondeu que significava nem bonita nem feia.

Um dia que um joven, que a namorava, lhe dizia que era muito linda, ella lhe respondeu: «Senhor, vós sois muito lisongeiro; eu vos certifico que não sou mais que uma hermaphrodita.»

Um sujeito, requestando uma rapariga muito simples e ingenua, e julgando-a por isso facil de enganar, lhe armou repetidos laços sem nada poder obter della. Por fim resolveu esposal-a, e no dia do noivado, depois de voltarem da igreja, lhe disse na presença de todos os convidados: «Devo dar um testemunho publico da sua virtude. Declaro que me resolvi a casar com a senhora porque, tendo feito tantas diligencias, achei-a sempre firme em defender a sua honra.»

—Podera não! lhe respondeu ella com toda ingenuidade; já dois me tinham enganado, e tão tola era eu que cahisse na terceira!

Dizia um sabio que havia tres especies de casamentos: 1.º o de Deus; 2.º do diabo; e o 3.º da morte. O casamento de Deus é o do homem moço com a mulher moça; o do diabo é o da mulher velha com o homem moço; o da morte, é o da mulher moça com homem velho.

Um sujeito escrevendo á sua amante dizia. «Ah! ingrata! com esta que vos escrevo conto tres, e só tenho recebido resposta de duas!

—E considerava-se mal correspondido!...

CARTA DE UM SOLDADO A UMA SRA QUE HQLATRAVA.

Querida Sra.

Antes de vos fazer as minhas declarações de guerra amatoria, devo formar a companhia de minhas idéas, servindo de serrafile o meu pensamento, e collocar-me na fileira supra-numericaria em ordem de marcha, com papel, pennas, tinta, canivetes, obrêas, etc., para o fim de poder manobrar na vossa encantadora presença. Sabeis Sra. que a rapidez dos movimentos de amor, depende dos flancos piões das expressões: assim nada esperçis de um recruta do batalhão de Cupido.

O prèt de vosso rosto me atormenta a cada instante, e si não fosse violar os artigos de guerra de vossa caza, desrespeitar a sentinella de vosso corredor e escalar as muralhas do vosso jardim, podendo ser punido com duzentas pranchadas de cacête de vosso Pai, e fuzilamento de vosso desprezo, eu já teria procurado desapertar-me, indo á secretaria de vossa salla pedir-vos que despacheis o meu requerimento. Perfilando as armas da candura, cruzanduas sobre meu peito, mettendo a espolêta da verdade, carreganduas com o cartuxo do affecto e ballas do carinho, esperava dar-vos uma descarga á queimadura de declaração d'amer; mas a corneta do respeito manda cessar o fôgo do atrevimento com que queria pedir licença para residir, por algum tempo, no xadrez de vosso peito: pode ser que o poder moderador de vossos olhos perdôe a primeira deserção do meu acanhamento, e assim desde já apresento armas a vossa bondade; pois se tal não acontecesse pediria passagem para o cemiterio, ainda mesmo perdendo o fardamento vencido de vosso agrado. Peço-vos que na promoção de vossas boas graças me contempleis como um cabo de esquadra de vossa boquinha, preferindo mesmo as mãs antigas. Estou prompto no aquartelamento da desventura, deitado na tarimba da esperança a cumprir todas as vossas ordens, e marchas forçadas dos vossos caprichos, representando porem contra o detalhe de vosso desdem em que me nomeardes para camarada d'algum dos vossos ex-namorados, pois alem de me não tocar por escala da dignidade, é serço que me augmenta a etape da semvergonha. Levo á frente armas do silêncio e só debandarei com a vossa resposta: «Observação...» A ronda de visita que faço todas as noites na vossa rua dará lugar a que a ordenança de vosso muleque receba o santo de meus recados e me dê a senha das vossas lembranças, isto no caso de se effectuar a mudança da guarda de vossa amizade, para a praça de meu coração. sem o que talvez seja curta a correa que apertará o malote de nosso hymeneu!

Seu fiel constante,
Benedicto—Soldado.

DESAPONTAMENTOS.

Escorregar-se n'uma casca de banana e dar-se um tombo defronte de moças bonitas, que se riem da *graca*.

Entrar-se n'um baile e ser recebido por estrondosa gargalhada de homens e mulheres, para tal combinadas.

Dois sujeitos passeando.

Um d'elles vê uma senhora na janella:

—Que linda pequena!.. Que olhos, que bocca! Parece que a conheço! Vou lhe mandar um bilheteinho.

—Aquella moça é minha mulher....

Estar um sujeito n'uma fazenda gaba d'esse que falla francez, inglez, etc., sem nada saber, e chegar um francez com um realço.

Pedir o dono da casa ao *gabôla* para conversar com o estrangeiro, e elle ter de ficar com cara d'asno.

Puchar-se o lenço á vista de moças e sair da algibeira uma meia suja de lama da viagem.

ANNUNCIOS

PUBLICAÇÃO CURIOSA.

Brevemente sahirá á luz e nitidamente impresso, o drama original em quatro actos e dous quadros, que tem por titulo

AS ESPERTEZAS DE UM GENRO OU O CYNISMO DE UM FRADE

PERSONAGENS

Mellorio — Velho libidinoso e matreiro.

Mr. Randolfe — Individuo de duas caras e negociante de commercio a retalho.

D. Anna Contrez — Viuva requestada e ao depois trahida.

D. Candida Contrez — Filha da dita, e sua rival.

Fr. Fifina — Sacerdote immoral e egoista; conselheiro particular do Mellorio, e de *Mr. Randolfe*; e confessor da viuva, e de sua filha.

D. Antonio de Mancebo — Bispo de exemplar virtude, e eminente saber.

Um escrivão, um official de justiça e alguns religiosos franciscanos, beneditinos, e carmelitas.

OBSERVAÇÕES.

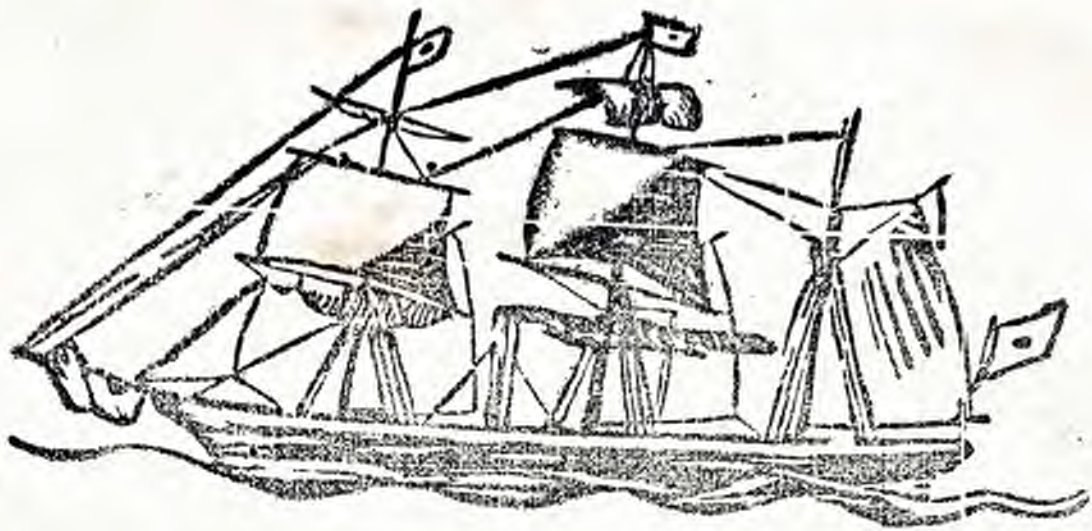
A scena passa se na capital de Latronopolis, a excepção do segundo acto, que se passa na provincia das Borrachas.

Para brilhantismo do primeiro quadro, *Fr. Fifina* apparecerá, fralescamente caracterizado, e em um de seus bem elaborados discursos, alardeará de ser principe dos *matçons*, e para que o acreditem, mostrará a todos seu diploma, e as insignias de sua loja.

Para igualmente enriquecer o segundo quadro com uma vista de moralidade, se apresentará carregando uma creança, que afflaga, e acaricia com beijos, que é o seu luxo dominante, ao passo que com o seu guarda-sol, cobre a uma filha da noite, a quem acompanha para seu lupanar.

O preço das assignaturas será — *ad libitum* — para os amigos, conhecidos e freguezes, e gratis para os pobres.

Scriptorio das Bandalheiras e traficancias
25 de janho de 1869.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 54

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

31 DE JULHO DE 1869.

N. 532

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
30 de julho de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe em aditamento ao officio a S. S. dirigido, em data de 27, que a mulher de cor parda, que consta ser rigorosamente castigada por um africano á mandado de seu senhor, é segundo dizem, capturado negociante de escravos Baptista Leão, o qual, evidentemente é quem manda proceder ao mencionado castigo. Levando-se semelhante esclarecimento ao conhecimento de S. S., tem-se em vista orienta-lo de sorte que chegue ao descobrimento da verdade nas providencias que tomar.

Portaria ao fiscal de S. Pedro, dizendo-lhe que na rua de Baixo, casa n. 53, mora um ferreiro, o qual tem em seu quintal quatro famosos capados em contravenção á postura 99, e insupportavel encommo da visinhança; razão porque torna-se preciso que va até ali impor ao dito ferreiro a multa em que tem incorrido. Cumpra.

—Que alarma é aquelle no Forum?

—E tanta gente a entrar por elle a dentro para ver o que é.

—O que será?

—Eu sei, eim! Quem sabe se ja não é al-

gum testamento falsificado, alguns autos sumidos, ou queimados, sem haver incendio?

—Acho bom irmos ver.

—Que dia é hoje?

—Quarta-feira, 28 de julho.

—Entremos.

—Oh, amigo, que diabo é isso, tanta gente aqui dentro a gritar!

—Vê esta pobre preta velha?

—Sim; o que ha?

—Esta preta está em praça; pela avaliação de 200\$ rs., deram mais 100\$ rs. sobre a avaliação e ella cobriu o lance com 1\$ rs. para sua liberdade; mas aquelle senhor deu mais 100\$ rs. sobre o lance de 1\$ rs., dizendo particularmente que tinha necessidade de se vingar com a preta.

—Como chama-se elle?

—João Climaco Martins da Costa.

—E quem é o juiz?

—E' o Dr. Filgueiras Sobrinho.

—Como decidiu?

—Mandou que se tomasse todos os lances, menos do Sr. Climaco que quer a preta para vingar-se, porque houveram pessoas que isso juraram.

—E não era de esperar outra cousa de um juiz liberal, como o Dr. Filgueiras!

—Mas é uma miseria deste paiz que se diz livre, e que o homem com o dinheiro vae comprar a seu semelhante, em hasta publica, como se compra um cavallo, um boi, e alardea que quer compral-o para desabafar mesquinhas paixões!

Oh! ja é tempo de so acabar com a escravatura!

O Brazil não pode ser verdadeiramente livre em quanto tiver filhos escravos, e a hora de sua inteira liberdade ja soal...

—Capitão, ha uma classe de gente com a qual é preciso andar alerta.

—Qual é ella?

—A dos boticarios

—Não lhe pareça.

—Fazem das suas e vão passando mollemente.

Com rarissimas excepções, praticam uma especulação, que pode ter funestos resultados alguma vez.

—Diga qual é.

—A substituição de uma droga por outra, nas receitas.

Vae uma receita para a botica; o boticario não tem certa substancia para avial-a; mas como não quer deixar sahir os cobres, encaixa outra que se pareça e não faça mal, mas que não produz o mesmo effeito contra a molestia.

—E' preciso ter callejada a consciencia para obrar tão de má fé.

—O caso é que elles praticam, sem se importarem com o detrimento que causam á saude e à algibeira do proximo.

—Ao menos deviam se lembrar das contas que hão de dar na outra vida.

—Entrou o vapor do Sul e V. não me da noticias?

—Na verdade são ellas muito interessantes.

—Vamos a ouvil-as.

—Parece que o proprio *Jornal do Comercio*, gosta as vezes de atirar a sardinha com a mão do gato.

Eis o que diz na ultima data:

«TRANSPORTE BONIFACIO.—Entrou hontem este transporte, sahido a 16 da Assumpção, donde não traz noticias de importancia. Os *factos capitaes* são banquetes alli e revistas em Pirayú, como se verá das cartas que principiamos a publicar. Continuava a *presumir-se* proximo um movimento de exercito; experimentavam-se, porém, serias difficuldades no abastecimento de viveres.»

—E assim iremes, Adão, até que chegue o verão.

—Capitão, V. Exa. lê o *Diario*?

—Todos os dias.

—Viu em um dos numeros anteriores a noticia de um abuso que se dá no arsenal de marinha?

—Não me recordo.

—De dous operarios, João Baptista Alpoim, ferreiro, e Antonio Bernardes de Jesus, carpinteiro, que ha oito mezes, ganham cada um 2:500 rs., diarios sem pôrem os pés na officina?

—Lembro-me agora; por que?

—O que diz a isso V. Exa?

—O que quer que eu diga?

Si quem tem obrigação de justificar-se metteu a viola no sacco, eu agora é que hei de arvorar-me em palmatoria do mundo?

—Capitão, tenho visto cousas nesta terra' que bem posso dizer

«So me resta ver agora

«Para traz correr um rio,

«Arder vela sem pavio,

«A lua tomar tabaco,

«E o sol tremendo com frio.»

—E o que viu agora de novo V.?

—No arsenal, de guerra uma portaria do director prohibindo que qualquer empregado possa requerer ao governo qualquer cousa sem ser por seu intermedio.

—Prova de que o homem é militar completo.

—Mas aquillo não é um batalhão que elle esteja commandando, nem os empregados do arsenal são soldados para se sujeitarem ao regulamento do conde de Lippe.

—O que fazer, si o homem como militar gosta das cousas pelo systema de farda?

O que eu lamento é este nosso governo, que não sabe aproveitar as vocações. Veja si o Sr. Paranhos está no Paraguay, como não andava aquillo direito como uma linha!

—Até Lopez pode ser que ja estivesse preso pelo toutiço.

HOMENS QUE SABEM VIVER.

Os pelotiqueiros e chimicos mais afamados do mundo, não sabem tantas girias, como esta classe de homens, que tem o titulo de —*homens que sabem viver*.

O homem que sabe viver, é uma creatura feita de cêra, e por isso se amolda a tudo; chora quando quer, ri-se sem vontade, e, para ganhar affeição dos tollos, estuda profundamente o character de cada um, para conhecer-lhe o fraco e elogial-o. Si o homem que sabe viver vai á casa de algum entusiasta, que arrota de fidalgo, e se nutre da cathegoria que gosa, ahi temos o chimico, inchando a barriga do dono da casa com excellencias; si falla com sugeito que aspira ver seu nome elogiado em publico, ahi temos uma dedicatória de poesias ou alguma traducção; si o sugeito a quem elle pretende desfructar, se

regos ja de ter filhos bonitos, o homem que sabe viver carrega a criança nascida do mesmo dia, e diz cheio do prazer—*que viveza de olhos, é o retrato de V. S.!! O narizinho, e a testa é tal e qual o da Exma. Sra.*

Si ouve poesias ou algum escripto de sujeito mettido a sabixão, diz logo, —hade me fazer o obsequio de me dar uma copia desta sua obra, qu achei muitissimo boa, na minha opinião.^e

O homem que sabe viver, elogia tudo quanto pertence a pessoa, a quem quer pregar o calote.

Offereco-se espontaneamente para fazer serviços a casa, e ser comprador; nas primeiras compras, mostra-se muito diligente, traz tudo bom e barato; porem ao depois, vai chupando nas commissões o valor de tudo, por dobrado, e ao mesmo tempo aconselhando sempre economia; si lhe apresentam alguma coisa já comprada, elle sempre sabe onde ha melhor, e mais em conta. Ora, isto no tempo presente se chama homem que sabe viver, mas eu direi sempre que se deve chamar velhaco, adulador, que se aproveita destas magicas, para fazer meio de vida, porem meio de vida ridiculo e miseravel.

Tambem outros especuladores, que sabem viver, armam algum arrendamento de propriedade, principalmente de menores, fazem uns reboques, e bem-feitorias, de vista, e no apuro do negocio, apresentam um saldo a favor espantoso, tudo com vistas de lhe cahir a casa nas unhas.

Outro, apresenta-se como homem muito diligente, e poupador de despesas para funcções, com o olho em algum baile que estão para dar; com suas conversas alcança a direcção da festa, fala muito, figura-se muito cançado, e no fim até zangado, dizendo que faz juramento de ser a ultima, porque lhe deu grande prejuizo de dinheiro, e ainda em cima os patifes hão de fallar; mas o certo é, que o maganão armou-se com os cobres, e, além desse proveito que tirou, quer que lhe agradeçam a fadiga.

Tambem é receita de saber viver dar jantares, e funcções para agradar os tollos e pedir abonações e dinheiro emprestado, porque ordinariamente os homens de barriga cheia, e electrizados dos copos de vinho, annuem aos pedidos do dono da casa; e é tambem uma bella receitinha de saber viver fallar a todos com ar muito risonho e adocicado, para parecer homem de muita affabilidade, embora tenha o veneno no coração.

Pelo que fica dito, já se pode ver que é uma classe muito numerosa a dos *homens que sabem viver*, e quem vive n'esta Bahia de

raridades, não deve ignorar, que ha por ahi sugoitiño, que com um ordenado de 200⁷⁰ ou 300⁷⁰000 rs. e as vezes sem lucro nenhum *visivel*, apresenta-se muito acciado, sustensa cavallo, frequenta theatro, dá chás, a familia traja sedas e velludos, e como? *Homens que sabem viver.*

Á PEDIDO

Previne-se a Sra. Ritta *veste defunto*, que não continue com a sua malvadez, em matar a criação de seus vizinhos, quando não, iremos mais adiante.

Illm. Sr. capitão do *Alabama*.—Partecipo a V. S., que, na noite do dia 26 de julho de 1869, indo o abaixo assignado na padaria ou loja de massas da ladeira da Praça, que fica por cima do becco do Escorrega, cheguei e pedi meia libra de biscoitos, uma quarta de caffè, dous vintens de assucar, e dois vintens de chá, puchei por dous mil reis e dei ao caixeiro, que tão pequeno, ja tem tão boas manhas, e elle me deu 760 rs. de troco e menos os dez tostões e eu distrahido não me lembrei de exigil-os; e sahi quando ja ia pela rua dos Capitães, foi que me recordei, e voltando a pedir o meu troco em regra, sunegaram que eu não tinha dado 2⁷⁰ rs. e ficaram com os meus dez tostões.

Vê que gente, Sr. capitão?

Bahia 27 de julho de 1869.—*Marcos Luiz da Boa-Morte.*

VARIEDADES

ROMANCE TENEBROSO.

I.

—Era noite!

Mas uma noite tempestuosa!

A abobada celeste parecia querer-se despenhar sobre a terra.

O ribombar da trovoada amedrontava os mais scepticos corações.

Os relampagos, que de instante a instante fuzilavam, pareciam querer tornar de fogo a atmospherá!

A chuva que desabava das nuvens era em tanta quantidade que podia se dizer um segundo diluvio; deixava inundadas as ruas da capital.

As torrentes que dos telhados se lançavam furiosas sobre as mais agoas, assemelhavam-se no rugido, ao bramir do oceano.

O vento sibilava por entre as frestas das portas e janellas com uma força descommunal.

Era emfim uma noite de tempestade.

Na torre da cathedral acabavam de soar doze pancadas, que, qual o echo que no monte repercute, se fizeram ouvir.

A fraca luz que os lampeões, n'aquelle tempo illuminados por azeite, de si expurgavam, via-se que atravessava o largo do.... um homem embuçado com um capote.

Não se importava com a chuva que cahia, por que se lançava sobre as aguas, como se andasse por um ameno passeio.

Chegando ao caes, lançou um olhar em torno de si e apoz exclamou:

—José! José!

—Prompto; respondeu um outro homem, que se achava encostado a uma porta.

—Não faltaste, disse o primeiro, reconheço que tens palavra.

A sorte parece querer favorecer-me; partamos.

Mas vendo que o outro não se movia, disse?

—Hesitas? Tens medo!...

—Não, Sr., por mim não; por que nunca soube o que era temer; mas....

—Mas, o que?

—Tenho mulher e filhos que sem mim definirão á mingoa.

—Tudo preveni; tua mulher e filhos ficarão abrigados das insidias humanas. Partamos.

José ficou immovel.

—Que temes mais? disse o embuçado.

—As ondas encapellam-se com tanta furia; n'um fragil batel, seremos tragados por ellas.

—Tens medo de morrer?

—A vida é tão boa!....

O embuçado soltou uma gargalhada de desespero e retorquiou:

—A vida é uma chimera com que nos embalamos; uma illusão fantastica que nada significa; os dous dias que habitamos nesta vida de tormentos não são mais do que um sonho, cuja realidade é a sepultura.

O ente que tem amor á vida é um ente desprezível, que não tem inteiro conhecimento de si mesmo.

Vês esses potentados que se curvam servilmente a seus menores desejos, vivendo n'uma indolencia propria do fausto e das grandezas que os rodeiam; desprezando todos aquelles que a tyrannica fortuna lançou no lodaçal da miseria, julgando-se melhores e superiores a todos os outros homens; deslembrando-se dos deveres para que Deus os lançou na terra?

Vês esse soberbo avarento, a quem o amor ás riquezas faz esquecer todos os prazeres deste mundo, que não descança, que não dor-

me, o quando o faz, por momentos, não vê em sonhos si não cofres recheados de ouro e medita no meio de amontoal-o, seja embora a custa da ruina de viúvas e de innocentes orphãos, que depois esmolam pelas portas um pedaço de pão para mitigar sua fome? Pois um dia a morte com suas fauces descarnadas hade descarregar-lhe a fouce sem dó nem piedade e então adeus criados, adeus palacios, adeus ouro, adeus sonhos mentirozas!

—Assim será, mais eu preso muito a vida.

—Si tinhas medo para que vieste? pára que me illudiste com teu animo de fanfarrão? Queres dinheiro? Terás quanto farte a tua cubiga. Si escapares ficarás vivendo na opulencia e se finares tua familia gozará as delicias desta vida, que tanto presas.

Vês este punhal?

E abrindo o capote mostrou-lhe o punhal, que reflectiu á baça luz dos candeiros.

— Com elle aqui te deixarei morto, Escolhe: ou a vida, no seio da abundancia ou a morte neste mesmo logar.

José reflectiu um momento, depois disse:

—Partamos!... Não era so o reccio que tinha por mim; receiava tambem alguma cousa por vós; mas emfim, vamos.

Dizendo o que, aproximou-se das escadas, e desatando um cabo a que estava preso um bote introduziram-se dentro com bastante defficuldade.

—Para ondes quereis ir? perguntou José.

—Para a.....

E partiram.

(Continua.)

CHARADA.

E's de ferro? Qual!.. sou de pedra.

E's cumprida?... Qual!! sou redonda.

Ja sei que não posso decifrar.—1

Tens alegrias?... Qual!.. Eu tenho pennas.

E's quadrupede?... Qual!... tenho dous pés.

Ja sei, que não posso advinhar—2.

CONCEITO.

Não me abandones, ingrato,

Não sejas assim traidor,

Recompensa os meus extremos,

Recompensa o meu amor.

Um magistrado parcial é um homem perigosissimo, um inimigo publico, ou antes um monstro na sociedade.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 68 e 69 do—RO-CAMBOLE.